

Deloitte.



**Desafios que definem
a nossa natureza**

O desenvolvimento do
sector financeiro

**Banca em
*análise***



É com muito gosto que a Deloitte lança a 11ª edição do estudo Banca em Análise.

Trata-se de uma das iniciativas de referência promovidas pela Deloitte no mercado com o objectivo de reunir, sistematizar e partilhar informação relevante para o sector financeiro e os seus actores.

Acreditamos que este estudo é mais um contributo no sentido da tendência de transparência e sofisticação de um sector que tem feito um caminho de solidez e determinação na defesa do papel que desempenha na economia, mercado de trabalho e mesmo na inclusão social através dos serviços financeiros.

Assim, acreditamos que este projecto não é mais do que um complemento aos esforços que o próprio sector financeiro tem feito para assumir um papel de destaque na economia angolana.

Este ano em particular merece uma nota de destaque o Banco Nacional de Angola, que celebra em 2016 o seu 40º aniversário, e que tem sido um dos aliados do sistema financeiro. Ao emitir regulação que motiva novas práticas de gestão e governo o BNA dá vida à missão de fomentar no sector financeiro a melhoria da qualidade e credibilidade das instituições e dos serviços financeiros tanto a nível nacional, para o tecido empresarial e para os cidadãos, como também a nível internacional.

Nos acontecimentos relevantes de 2015 destacamos também o facto de pela primeira vez terem sido comercializados títulos de dívida soberana no mercado financeiro internacional. Esta emissão foi um passo importante para a diversificação das fontes de financiamento dos agentes económicos.

Foi igualmente relevante a assinatura do Acordo intergovernamental entre Angola e os Estados Unidos da América para a implementação do *Foreign Account Tax Compliance Act*.

No contexto económico actual é de destacar que o sector registou um crescimento dos activos e depósitos entre os bancos comerciais analisados.

Ao mesmo tempo observámos o crescimento muito positivo dos indicadores relacionados com os meios electrónicos de pagamento, em particular o crescimento de 45% no número de transacções realizadas através de terminais automáticos.

Nesta edição, voltamos a contar com a colaboração dos líderes da banca, que partilham a sua experiência e visão sobre os últimos acontecimentos, assim como a sua visão estratégica para o sector.

Os resultados que aqui apresentamos são um reflexo do trabalho e da perseverança de todos os agentes do sector. São os desafios que definem a nossa natureza, e a resiliência marca o desenvolvimento do sector financeiro em Angola.

Rui Santos Silva

Country Managing Partner
Deloitte Angola

Nesta edição

Banca em Análise 2016



4

Entrevista ABANC

50

Enquadramento
macroeconómico

6

Entrevista EMIS

58

Enquadramento económico
angolano

8

Entrevistas a líderes
do sector bancário

66

Estudo da Banca
em Análise 2016

81

Demonstrações
financeiras

ABANC

Reforço da representação dos associados junto dos parceiros sociais



Amílcar Azevedo da Silva

Presidente da Associação Angolana de Bancos (ABANC)

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Sector Financeiro?

Quais as estratégias de atuação definidas pelos Bancos perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

O exercício de 2015 caracterizou-se, em especial, pelo forte impacto negativo gerado pela elevada e constante baixa de preços do petróleo, imposta à normal atividade dos bancos, muito sustentada pela dependência da economia do país, na realização de operações cambiais, destinadas à importação de bens e do pagamento de serviços, em valores de elevada relevância.

Numa conjuntura económica em que a grande procura de aquisição de divisas por parte da clientela, não consegue ser satisfeita, obrigando a vendas rateadas e a fixação de prioridades, os bancos necessitam de arquitectar prodígios organizativos para sustentar os seus negócios com um mínimo de credibilidade. A conjuntura adversa então estabelecida impôs às autoridades competentes a fixação de políticas restritivas, que geraram impactos diretos na gestão da liquidez, obrigando a que o sistema bancário procedesse a contínuos ajustamentos, com reflexos conturbados no relacionamento entre os bancos e os clientes, nem sempre compreendidos, muito menos, aceites.

Foram, de facto, momentos muito difíceis e que, de algum modo, contribuíram para a existência de situações anómalas, que há muito haviam sido ultrapassadas.

Noutra vertente dos negócios bancários, surgiu a necessidade de repensar as medidas organizativas no domínio da gestão da dação de crédito à economia, cujo rumo e prioridades se entendeu ser necessário alterar, em face das necessidades surgidas.

Em qualquer destas situações, ligadas aos negócios dos bancos, houve transformações na sua gestão que muito dificultam a sua atividade.

Outrossim, os bancos tiveram de se debruçar sobre a reforma fiscal e os seus produtos, cuja execução determinou, também, transformações operacionais, antecedidas de profundas análises.

Não menos importante, a continuidade de implementação de novas normas publicadas pelo BNA, na procura de instituir práticas essenciais ao relacionamento dos bancos com os seus correspondentes.

Enfim, um exercício de atividade aturada, num contexto macroeconómico muito difícil, consubstanciado num ambiente de negócios aquém do necessário para atrair investidores.

Quais são as principais metas e objectivos para o Sector Financeiro em geral e a ABANC em particular, até 2017?

A ABANC continuará a reforçar a representação dos associados junto dos seus parceiros sociais, com quem ao longo dos últimos anos tem mantido um estreito relacionamento, que muito contribui para a modernização do sistema bancário, aproximando-o, de forma segura, das melhores práticas internacionais. Manteremos, igualmente, uma presença efectiva na discussão dos temas atinentes à reforma fiscal, onde o nosso contributo se tem revelado de grande utilidade em relação aos interesses das partes. Continuaremos também, de forma reforçada, a dedicar especial atenção ao relacionamento com a UIF, em tudo ao que esteja ligado ao combate ao branqueamento de capitais e financiamento do terrorismo, onde ainda muito há a fazer, apesar das melhorias já conseguidas, procurando desse modo chegar a patamares que garantam ao sistema bancário angolano maior credibilidade.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do tecido empresarial?

Os bancos são o garante do investimento para que haja emprego, crescimento e modernização. Analisando os diferentes agentes do PIB, verificamos que o investimento privado, o consumo e as exportações, que estamos a fomentar, são um objectivo essencial, são os motores do crescimento fundamentais numa economia. Para tal desiderato, o financiamento bancário é imprescindível. Deve ser acessível na medida das necessidades da clientela, dos projetos, do mercado.

Os bancos, apesar das vicissitudes dos diferentes ambientes económicos, por que se tem ajustado o país, fruto das crises internacionais que nos têm contagiado, indelevelmente, têm sido financiadores actuaes da economia, podendo sê-lo, ainda mais, se as empresas atingirem patamares de gestão mais elevados, conseguirem através dos seus sócios chegar a uma estrutura de capitais mais adequada ao seu negócio. Se assim for, os bancos, no seu tempo, terão a oportunidade de apoiar o crescimento com os benefícios que todos conhecemos.

EMIS

Reforço permanente da resiliência dos sistemas e serviços



José Matos

Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho da EMIS?

A EMIS é um operador sistémico, daí a importância que damos à resiliência. Foi assim que nos últimos 12 meses conseguimos assegurar uma disponibilidade (*up-time*) superior a 99,96% nos sistemas centrais – um nível de serviço que deve ser destacado.

É pena que esse nível de serviço nem sempre tenha sido acompanhado do lado dos bancos que integram o sistema, com níveis de disponibilidade equivalentes, porque há funcionalidades que exigem disponibilidade *end-to-end* e que assim ficam comprometidos.

No ano de 2015 a Rede MULTICAIXA registou um crescimento de 19,7% no movimento transaccional em ATM e 44,5% no movimento transaccional em POS.

O movimento transaccional cash-less em ATM representou já 8% do total de transacções neste canal. O crescimento registado no Sistema de Transferências a Crédito (STC) foi de 50,4%.

Em 2015 destacamos ainda a entrada em serviço do novo sistema de compensação electrónica de cheques.

Qual a estratégia de actuação definida pela EMIS perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

A EMIS não é excepção e por isso também sente os efeitos do condicionamento cambial que afecta a economia angolana. Qualquer empresa com dependência do exterior, seja na importação de matérias-primas ou de tecnologia, como é o nosso caso, tem a sua actividade condicionada pelo orçamento cambial. Por isso, a nossa primeira prioridade tem estado centrada em projectos essenciais na manutenção dos níveis de serviço, no reforço da resiliência, na mitigação de riscos e na optimização e redução de custos em moeda externa.

Uma segunda linha de prioridade nos próximos anos terá a ver com o reforço da organização e formação, num longo processo de transformação organizacional para fazer face ao crescimento registado nos últimos anos. Trata-se de aproveitar o “defeso” para reforçar a organização. Estas duas primeiras linhas de prioridade não podem esquecer a necessidade de olhar para os projectos de renovação tecnológica e de modernização e inovação, explorando novas linhas de produtos e serviços, o que se fará dentro dos limites da disponibilidade cambial.

Quais as principais metas e objectivos da instituição para 2017?

Em 2017 a prioridade número um, como já dissemos, será manter os níveis de serviço a que já habituámos as nossas populações. E isso passa pelo reforço permanente da resiliência dos nossos sistemas e serviços. Em linha com a sua missão central, a EMIS continuará a focar as atenções na massificação do pagamento electrónico – ou seja, na coordenação do conjunto de incentivos que levem ao crescimento acelerado e sustentado do pagamento electrónico, visando reduzir a utilização de moeda física.

Essa estratégia passa pelo melhoramento do suporte aos comerciantes que usam o POS, pelo reforço dos sistemas de aceitação em grandes e médias superfícies, pelo alargamento das funcionalidades *cash-less* em ATM e pelo desenvolvimento de novos canais de pagamento.

O pagamento via internet e via telemóvel são dois desses canais a desenvolver, destacando-se o projecto MULTICAIXA EXPRESS, uma solução de pagamento OTT para bancarizados.

Em resumo, as metas para 2017 podem ser sintetizadas do seguinte modo: crescer 15% no movimento transaccional em ATM e acima de 40% no movimento transaccional de POS.

Qual considera ser o papel da EMIS na dinamização do sector bancário e da economia angolana?

Angola conta hoje com um moderno sistema de pagamentos que é referência na região. Como se sabe, o país passou por uma guerra civil prolongada que terminou em 2002 e foi só com o alcance da paz que se começou verdadeiramente a desenvolver o país e a modernizar o seu sistema de pagamentos. Em 2003, Angola não dispunha ainda de uma verdadeira infra-estrutura de pagamento electrónico. Todo o sistema de pagamentos foi praticamente desenvolvido a partir dessa altura.

Isso deve-se essencialmente ao modelo de “cooptação” em que se fundamenta a EMIS. Trata-se de um modelo maximizante no qual os operadores económicos obtêm vantagens em cooperar, sem deixar de competir entre si. No caso dos sistemas de pagamentos, os bancos cooperam e competem para maximizar o valor através da partilha de infra-estruturas e serviços comuns.

Para entender o papel da EMIS é preciso primeiro entender o papel dos sistemas de pagamentos na economia. Ninguém consegue imaginar uma economia moderna sem um sistema que facilite a transferência rápida e segura de recursos entre os agentes económicos. Os pagamentos interbancários não são possíveis sem cooperação e interligação entre os bancos. A EMIS desempenha assim um primeiro papel, que é o de pivô do sistema de pagamentos. Mas tem um segundo papel, não menos importante, que é o de locomotriz, conferindo a tracção necessária ao progresso nos sistemas de pagamentos.

Replicar o sistema da EMIS em todos os bancos, com níveis de serviço equivalentes aos que temos hoje, custaria no mínimo dez vezes o investimento feito na EMIS.

O asseguramento da resiliência, dos níveis de serviço e da segurança próprios de um sistema de pagamentos confiável exige investimento e esforço organizativo, que só com escala se consegue diluir.

Por isso, sem o contributo de uma empresa instrumental como é a EMIS não teria sido possível alcançar neste espaço de tempo os resultados conseguidos.

Banco Angolano de Investimento

Foco na eficiência operacional e no domínio das especificidades de cada segmento de negócio



José de Lima Massano
Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

O cenário económico e de transformação do sector financeiro, a nível nacional e internacional, tem exigido uma adaptação constante do banco, procurando-se preservar os princípios orientadores de rentabilidade, eficiência, liquidez e solidez. Atendo a este contexto, nos últimos 12 meses o BAI procurou atingir dois objectivos principais: ajustar a sua estrutura de funcionamento à realidade do sector e tornar-se cada vez mais um banco focado na satisfação dos clientes.

Entre as actividades desenvolvidas, inclui-se a aprovação e o início da implementação do Plano Estratégico para o período 2016-2021, a conclusão da implementação das alterações ao modelo de governação corporativa e o reforço do sistema de controlo interno, em particular no que diz respeito às funções de auditoria interna, gestão integrada do risco e *compliance*, tendo em vista não somente o cumprimento das exigências do BNA sobre estas matérias, como também, no caso do *compliance*, procurar dar resposta às cada vez maiores exigências dos bancos correspondentes em matéria de prevenção do branqueamento de capitais e financiamento do terrorismo. Igualmente importante foi a conclusão da nova Sede, inaugurada em 22 de Março de 2016, tendo permitido a centralização de serviços antes dispersos por vários edifícios, proporcionando assim, para além da uniformização da cultura, oportunidades de aumento da eficiência e da racionalização de custos.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

A queda sistemática do preço do petróleo alterou de forma profunda o funcionamento da economia nacional, tendo provocado um menor crescimento do PIB, a redução das receitas fiscais, o aumento das necessidades de financiamento público e a redução da disponibilidade de divisas.

Desta forma, o contexto actual exige que o banco aumente a sua capacidade de apoio financeiro a iniciativas empresariais que reconhecidamente possam contribuir para a protecção de empregos e conferir maior autonomia produtiva a sectores críticos da economia.

Para que o possa fazer de modo sustentável e competitivo, o BAI tem dado enfoque particular à eficiência operacional e ao domínio das características e especificidades de cada um dos segmentos de negócio em que intervém, como forma de melhor mitigar os riscos associados.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

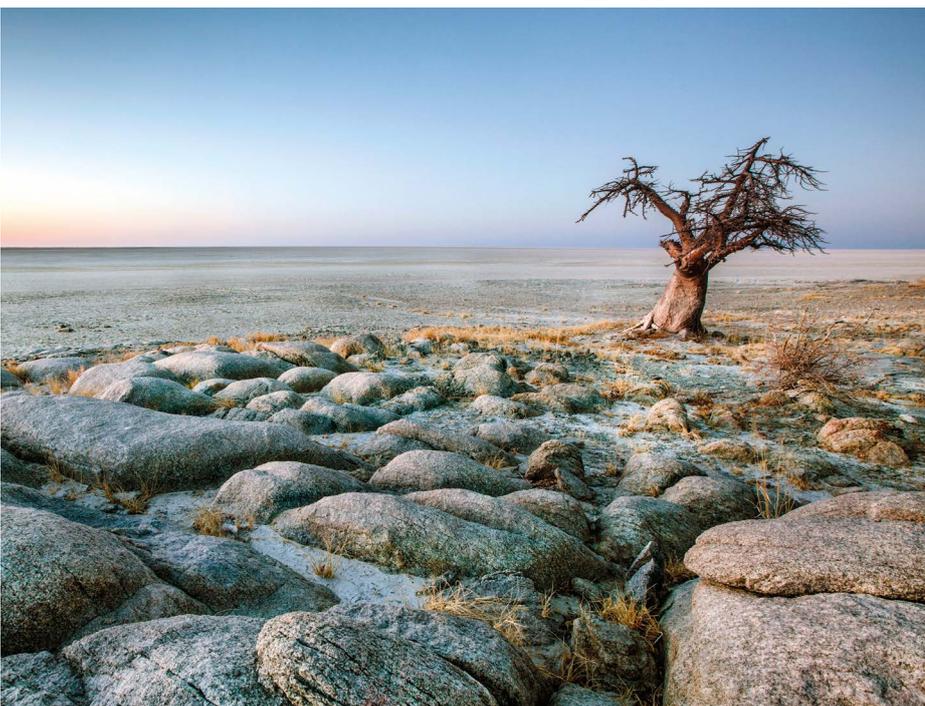
O BAI quer manter-se entre os principais operadores do sector financeiro em Angola, consolidar a liderança no segmento de empresas, mas mantendo o percurso de proximidade ao segmento de particulares.

Estamos a construir um grupo financeiro capaz de oferecer a melhor experiência bancária em Angola, sendo relevante os investimentos na melhoria contínua da qualidade dos serviços que prestamos a todos que têm o BAI como o seu parceiro.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

A banca angolana tem participado na inclusão financeira do tecido empresarial de uma forma mais visível através da expansão da rede de balcões a todo o país e do aumento da disponibilização de produtos e serviços financeiros. Neste âmbito, pode-se destacar os serviços de banca electrónica como sendo um dos segmentos que mais cresce no país e que permite, por exemplo, uma grande sinergia com serviços prestados às pequenas e médias empresas.

Ao disponibilizar os terminais de pagamento automático (TPAs), uma empresa pode aumentar o seu volume de negócios, por oferecer mais alternativas de pagamento, e um banco pode, por exemplo, conceder crédito de forma mais assertiva às empresas porque conhece mais a fundo o fluxo financeiro do cliente. No caso do BAI, temos vindo a investir em serviços inovadores que possam alargar a inclusão financeira, como seja o lançamento, no final de 2014, do serviço de pagamentos móveis “e-Kwanza BAI”, baseado na utilização do telemóvel e moeda electrónica para fazer transferências e pagamentos de bens e serviços no território nacional, e do correspondente bancário, que consiste na representação do banco por uma entidade contratada por este, para a comercialização de produtos e serviços do banco tais como abertura de contas, levantamentos e depósitos de dinheiro, transferências e acesso crédito. Ambos os serviços visam oferecer às empresas e aos particulares de todo o país acesso aos serviços financeiros, especialmente nas localidades onde não existam agências, e com custos mais reduzidos comparativamente aos prestados pela banca tradicional.



Banco Angolano de Negócios e Comércio

Foco na rentabilidade dos activos e satisfação dos clientes



José Aires

Presidente do Conselho de Administração

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

Num contexto macroeconómico particularmente exigente, o Banco BANC adaptou as suas políticas comerciais a esta nova realidade sem no entanto deixar de apostar na capacitação contínua do capital humano e nas infra-estruturas. Exemplo disso é a inauguração da nova Sede. O compromisso do banco continua a ser crescer sustentadamente.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Na verdade não há uma alteração estratégica substancial relativamente ao que o banco já praticava. Continuaremos focados numa utilização económica dos recursos, virada para a rentabilidade dos activos e satisfação dos clientes. As políticas de risco que entretanto adoptámos ajudar-nos-ão a centrar a actividade neste vector.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

Dizer que queremos ser um “parceiro da economia angolana” parece um chavão, mas na verdade é o que nos move. Queremos, no decurso do ano de 2017, afirmarmo-nos como um banco de referência para as famílias e para o tecido empresarial angolano. A nossa aposta é claramente na oferta de produtos e serviços de qualidade.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

Se há um momento em que a banca deve ter um papel dinamizador é justamente em momentos de fragilidade económica. Entendemos estes fenómenos cíclicos e sabemos que a sua natureza de espiral recessiva só pode ser quebrada por acções positivas de todos os agentes económicos envolvidos, o Estado, as instituições financeiras, as empresas e as famílias. Saberemos estar à altura das nossas responsabilidades.



Banco BIC

Parte activa no apoio aos diferentes sectores de actividade da economia nacional



Fernando Teles

Presidente do Conselho de Administração

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

Ao longo destes 11 anos de existência, a estratégia de internacionalização do Banco BIC tem sido crucial para a dinamização e crescimento do banco. De realçar a abertura oficial do Bank BIC Namíbia, em Junho de 2016, que marca um passo significativo na integração e no estreitamento das relações das economias da Namíbia e Angola, bem como o compromisso com os diferentes agentes económicos e empreendedores africanos e europeus.

Igualmente importante referir, o acordo de integração do Banco BIC aos mercados regulamentados pela BODIVA, aderindo em Abril do corrente ano, à Bolsa de Dívida e Valores de Angola, que confere às entidades autorizadas a total transparência, eficiência e segurança das transacções de valores mobiliários, sendo o BIC uma das instituições financeiras que contribui significativamente no financiamento ao Estado.

De frisar, apesar da situação de crise económica que o país atravessa, o bom desempenho comercial do Banco, que regista um aumento de lucro de 35% face aos resultados de 2014, a destacar a tendência de crescimento do volume de negócios em 13%, atingindo o montante de AKZ 1.582.067 milhões, e o aumento de 23% da carteira de crédito concedido a clientes, com um saldo de AKZ 421.712 milhões.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Apesar da desaceleração económica, acreditamos que a continuidade do financiamento à economia é condição fundamental para a evolução do tecido empresarial angolano.

Nesse sentido, o Banco BIC continuará a assumir um papel de destaque no apoio necessário à diversificação da economia, com especial enfoque no sector primário (projectos agrícolas), sem descuidar um maior rigor na avaliação dos diferentes projectos para a concessão de crédito.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

Conforme referido anteriormente, um dos principais objectivos do banco é continuar a ser parte activa no apoio aos diferentes sectores de actividade da economia nacional, crescendo juntamente com os nossos clientes.

Ambicionamos aumentar a nossa quota de mercado e para tal apostar na diversificação de produtos e serviços a disponibilizar.

É igualmente nossa determinação melhorar os níveis de eficiência e qualidade, garantindo a satisfação e fidelização dos clientes que nos acompanham ao longo deste percurso, bem como potenciar a captação de novos clientes.

No actual contexto, é igualmente prioritário o estabelecimento de uma relação cada vez mais estreita com o Regulador nos desafios actuais e futuros que o sistema financeiro angolano enfrenta.

Adicionalmente, vamos focar-nos na consolidação da internacionalização da marca BIC, procurando desta forma prestar o nosso apoio às empresas angolanas que apostem na exportação, contribuindo para o equilíbrio da balança de pagamentos e maior inserção do nosso banco a nível interno e externo.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

A banca angolana tem de estar na linha da frente no apoio à economia e aos diferentes agentes económicos, através da concessão de crédito aos sectores vitais do desenvolvimento nacional, assegurando a necessária captação de recursos. É este papel de intermediação financeira que permite o efectivo apoio ao investimento dos particulares e empresas.

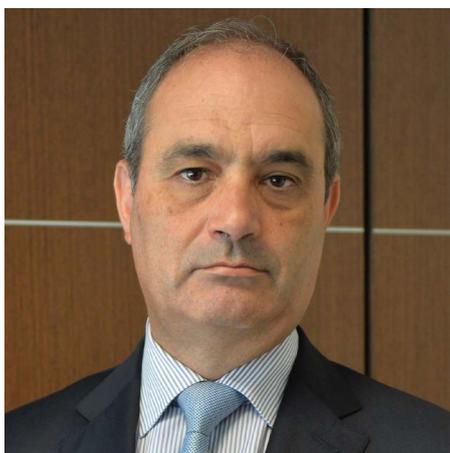
Para se cumprir este desígnio, assistiu-se, por um lado, à expansão da rede de balcões de atendimento um pouco por todo o país – reforço da bancarização da população – e, por outro, à diversificação de produtos e serviços na rede de distribuição, nomeadamente electrónica.

Assim é necessário que o índice de bancarização continue a crescer, que se verifique uma maior concentração na banca para uma maior capacidade de intervenção no mercado.

Como instrumento impulsionador, o crédito bancário é essencial à dinamização da economia angolana.

Banco Caixa Geral Angola

Continuado empenho no financiamento da actividade empresarial em Angola



Fernando Marques Pereira
Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

Fazendo uma análise dos últimos 12 meses, tenho de destacar a mudança do nome, da marca e do símbolo do banco, que considero ter sido um sucesso total, pois a mudança foi muito bem aceite pelo mercado. Foi muito ponderada a decisão de mudar o símbolo e as cores do banco, ao mesmo tempo que perdíamos o nome "Totta". Apesar de ser uma estratégia ousada, entendemos que seria importante aproveitar a ocasião para haver um definitivo alinhamento do banco com o Grupo Caixa Geral de Depósitos, adoptando o símbolo do Grupo, as cores e todo o alinhamento gráfico corporativo. Esta mudança procurou ser também a resposta a uma necessidade, pois é cada vez mais claro para todos os agentes do sistema financeiro que tem de ser evidente a presença em Angola de marcas bancárias internacionais supervisionadas pelo BNA, mas também por outros supervisores internacionais, como é o caso do Banco Caixa Angola, pois tal contribui para o prestígio e credibilidade do sistema financeiro angolano. Importante também realçar que, num ano particularmente difícil, o Banco Caixa Angola tem conseguido manter os níveis de rentabilidade e de eficiência que têm sido alcançados nos últimos anos.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Perante o actual contexto económico e cambial, o Banco Caixa Angola definiu com muita clareza os sectores onde deveria procurar aumentar a sua exposição ao crédito e aqueles em que aquela exposição deveria ser mantida ou mesmo reduzida.

Foram reforçados os mecanismos de acompanhamento das operações e, com o nosso posicionamento de grande proximidade ao cliente, criadas as condições para uma actuação prematura e preventiva sobre a carteira de crédito permitindo manter os níveis de imparidade dentro dos parâmetros orçamentados.

Em consonância com as orientações do BNA foram substancialmente melhorados os processos e procedimentos de tratamento das operações cambiais visando uma assertiva venda da moeda aos sectores e operações prioritários, preservando, ao mesmo tempo, a posição e exposição cambial do banco.

Como os desafios não são apenas da conjuntura económica, mas também de supervisão, o banco manteve o seu escrupuloso cumprimento das normas emanadas do BNA e outros supervisores internacionais, onde destaco o projecto de implementação das normas internacionais de contabilidade e o reforço da gestão corporativa, de "compliance" e controlo interno, e a promoção do desenvolvimento dos quadros nacionais.



Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

Os desafios até 2017 e, podemos dizer, para o período do actual Plano Estratégico, 2015-2018, é continuar a consolidar o BCGA como um Banco de Empresas e "Affluent" com níveis de serviço de excelência, alicerçado em colaboradores motivados, dinamismo comercial, elevados padrões de gestão corporativa e controlo interno, estrutura organizativa e meios reforçada e num elevado nível de serviço ao cliente.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

A necessidade de se acelerar a diversificação da economia é assumida como fundamental para Angola e o Caixa Angola, com a sua proposta de valor de ser um banco de empresas focado em apoiar a economia nacional, tem a ambição de ser um vencedor neste processo de mudança. A nossa integração num Grupo financeiro internacional permite-nos colocar à disposição das empresas angolanas uma rede global, facilitando às empresas exportadoras um conjunto de produtos e serviços que permitem a sua participação no mercado internacional. O Banco Caixa Angola manterá assim um continuado empenho no financiamento da actividade empresarial em Angola, em especial dos projectos que contenham também uma vertente exportadora, procurando apresentar para cada um em concreto, os produtos mais adequados para resolver as necessidades financeiras de cada ciclo produtivo e reduzir os respectivos riscos. Ao mesmo tempo, seremos sempre um parceiro das entidades públicas no desenvolvimento dos programas incentivadores da diversificação económica.

Banco Comercial Angolano

Investimento numa cultura de gestão de risco e compliance



Mateus Filipe Martins
Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

Num contexto tão adverso como o que vivemos, os principais aspectos prendem-se com a necessidade de assegurar uma gestão sã e prudente que garanta o crescimento do balanço e minimize o risco de perdas para o accionista. Antes de iniciarmos uma viagem devemos cuidar de calibrar as quatro rodas. Na banca, devemos monitorar em permanência a evolução e funcionamento destas rodas. As duas rodas dianteiras que considero serem os factores de aceleração por constituírem “as portas de entrada dos proveitos” estou a referir-me à margem financeira e à margem complementar, e aqui temos de olhar para a evolução dos depósitos, crédito, juros a pagar e a receber, comissões, enfim para a evolução do produto bancário. Mas temos igualmente de vigiar ao mesmo tempo e com redobrada atenção o funcionamento das duas rodas traseiras que considero serem os factores de moderação por constituírem “as portas de saída dos proveitos” compostas pelas rubricas dos custos operacionais e das provisões para crédito. Em segundo lugar, quando alguns clientes entram em incumprimento das suas obrigações para com o banco, envolvemo-nos com ele e estimulamo-los a chegar a um acordo mutuamente aceitável. Em terceiro lugar, estamos a equilibrar o crescimento do negócio com a rentabilidade. Quando são identificados negócios, ou locais, onde os nossos recursos podem ser melhor utilizados, nós realocamos estes recursos de forma a maximizar a utilização das nossas infraestruturas e dos nossos recursos humanos.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

O país vive uma fase difícil sobretudo pela escassez de divisas induzida pela baixa do preço do petróleo e consequentemente redução das receitas para o Estado.

As restrições de venda de moeda estrangeira afectam bastante o sector bancário. As desvalorizações e o aumento da inflação têm um impacto directo sobre a clientela dos bancos e a população em geral.

A cultura de gestão de risco e *compliance* esteve sempre na génese do BCA. Não obstante, este ano foi nesta área onde mais investimos com a reformulação integral dos procedimentos, mais e melhor formação, aperfeiçoamento e modernização das soluções tecnológicas de suporte, para dar conforto as crescentes exigências dos bancos correspondentes.

No contexto actual da nossa economia, o regulador introduziu várias medidas orientadas para a diminuição da massa monetária com o aumento do coeficiente das reservas obrigatórias e as taxas directoras do BNA. Não obstante o carácter restritivo das medidas, foi possível elevar o nosso rácio de transformação numa perspectiva de “pesca à linha” com financiamentos para segmentos com níveis de maturação elevados, além da participação em sindicatos para investimentos de maior dimensão.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

O Banco Comercial Angolano tem para os tempos mais próximos objectivos ambiciosos que se repercutem em diversas facetas da vida da instituição. Temos neste momento uma série de projectos em andamento, alguns quase em finalização, que melhorarão significativamente tanto os procedimentos internos como a percepção dos clientes quanto à melhoria da qualidade e disponibilidade dos serviços. Neste aspecto, o projecto de expansão selectivo da rede de balcões decorre já há algum tempo e começa agora a apresentar as primeiras unidades prontas, que serão inauguradas no curto prazo, alargando assim a nossa cobertura e presença a nível nacional, acompanhando a dinâmica de crescimento dos nossos principais clientes e parceiros.

Também com impacto directo na actividade comercial estão em preparação novos e inovadores produtos de poupança e crédito e a melhoria dos seus canais de comercialização. No âmbito da gestão interna do banco pretendemos terminar a implementação e aplicação integral das IFRS e a implementação completa do regime do Foreign Account Tax Compliance Act (FATCA). Estes dois importantes projectos são acompanhados pela revisão e melhoria dos procedimentos nas diversas áreas de risco e de controlo interno. O objectivo final é manter o BCA nas posições cimeiras dos bancos com melhores níveis de cumprimento das regras de *compliance* do mercado financeiro angolano. Para que estes objectivos sejam conseguidos o banco continuará a eleger como primeira aposta estratégica fundamental a contínua capacitação dos seus recursos humanos.



Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

O papel fundamental da banca no actual contexto é, em minha opinião, o de dinamizar activamente a intermediação financeira, captando e preservando os depósitos cuja gestão nos foi confiada pelos aforradores e que deverão ser reembolsados sempre que solicitados, acrescidos dos respectivos juros nos termos da lei e dos avisos e instrutivos do BNA sobre a matéria. Só assim poderemos manter a confiança dos depositantes e contribuir para a contínua credibilização do sistema financeiro angolano.

Todos nós banqueiros temos uma aguda consciência do papel e importância do crédito. Dizia alguém, que o crédito está para a economia como as artérias estão para o corpo humano. Sem artérias saudáveis não temos um corpo humano são. Sem crédito à economia não teremos uma economia pujante. Precisamos de injectar recursos para a economia como de pão para boca.

Quando olhamos para o aumento assustador do crédito vencido e de difícil recuperação que toldam o balanço dos bancos, se convertem em prejuízos directos para os acionistas e ameaçam a solvabilidade de alguns bancos, as dificuldades na execução das garantias e a morosidade das sentenças na acção executiva, concluímos que todos os intervenientes nomeadamente: particulares, empresas, bancos e o próprio Estado devem continuar a melhorar os procedimentos de avaliação de risco e o quadro legal e normativo vigente. Em resumo: penso que o papel fundamental da banca é criar segurança nos aforradores para que estes lhes continuem a confiar os recursos que são indispensáveis para o financiamento do objectivo maior; a diversificação da Economia.

Banco Comercial do Huambo

Transmitir confiança aos clientes, accionistas e agentes económicos internacionais



Natalino Bastos Lavrador

Presidente do Conselho de Administração

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

A actividade do sector financeiro tem reflectido as dificuldades que a economia atravessa. Como é do conhecimento geral, a baixa do preço do petróleo provocou, inevitavelmente, uma enorme escassez de divisas, provocando uma diminuição de operações cambiais na banca, em geral. O BCH teve que delinear alternativas para atenuar o decréscimo dos proveitos, não descurando o seu crescimento orgânico. As dificuldades enfrentadas têm sido ultrapassadas, pois, apesar desse contratempo, no exercício de 2015, os resultados foram interessantes e alguns "rácios" atingiram "performances" inesperadas.

O sistema financeiro está a funcionar com bastantes dificuldades, devido a factores de ordem exógena, nomeadamente, a subtração das operações de divisas, resultante da descida do preço do barril do petróleo, conforme referi, mas também por medidas endógenas, como sejam, dentre outras, a retracção dos meios de pagamento provocada pelos cativos em moeda nacional, com carácter semanal. Esta retracção dos meios de pagamento desacelera o nível de transacções e reforça o arrefecimento da economia. Para além deste factor, o excessivo aumento da taxa da reserva obrigatória é, também, um elemento dissuasor na aplicação das disponibilidades dos bancos, como seja na concessão de crédito (agentes privados e Estado).

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Como mencionei, o BCH delineou uma estrutura de proveitos alternativa aos proveitos cambiais, de modo a manter um nível de custos fixos compatível com a actividade do banco, não deixando de crescer com a segurança recomendável. Continuaremos a financiar os nossos clientes, mas agora de uma forma mais rigorosa tendo em conta as novas normas de contabilidade internacional. Continuaremos também a financiar o Estado, estratégia que, aliás, está a ser seguida por todas as instituições financeiras.

Continuaremos a abrir agências, mas de forma paulatina, vigiando de forma sistemática os níveis dos rácios que são afectados pelos montantes despendidos com a abertura das mesmas. A nossa política de admissão de pessoal continuará a passar por utilizar uma selecção criteriosa, tendo em conta o passado profissional e o nível de habilitações académicas.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

Os nossos principais objectivos são: manter o mesmo nível de solvabilidade, isto é, um nível de consolidação financeira, que permita transmitir confiança aos nossos clientes, accionistas, banca internacional e outros agentes económicos internacionais; aumentar os proveitos, que será uma missão muito difícil; controlar os custos, de modo, a manter o mesmo ritmo de crescimento orgânico do BCH; e, manter o mesmo nível de desempenho dos principais “rácios”, que será um objectivo desafiador.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

O papel da banca é primordial no apoio e desenvolvimento da actividade económica e social. No entanto, com a economia do país em crise, torna-se imprescindível que o sistema financeiro se fortaleça, que as instituições financeiras alcancem lucros aceitáveis, para que, quando ultrapassada a crise económica, o sistema financeiro possa estar em condições de alavancar a economia. Receio que a banca continue a confrontar-se com a falta de dinamismo do aparelho judicial, pois, mesmo com crédito coberto com garantias reais, os tribunais são bastante lentos na execução das garantias prestadas pelos clientes incumpridores.

Acresce, ainda, o facto de a maior parte das pequenas e médias empresas não estarem capacitadas para prestarem garantias aos bancos, condicionando a concessão de crédito. Estas limitações dificultam significativamente o apoio da banca à economia, nomeadamente aos agentes económicos privados, pelo que a alternativa é o apoio da banca ao Estado. Por outro lado, o sistema financeiro está a ser bastante prejudicado no que diz respeito à implementação da política cambial. Não se consegue descortinar um critério coerente na venda de divisas aos bancos. Dever-se-á devolver a legitimidade ao Banco Central na implementação integral da política cambial. Dever-se-á restituir às instituições financeiras o seu papel comercial, executando as directrizes emanadas do Banco Central, mas podendo com a legitimidade que possuem, escolher os seus clientes. A continuação da implementação da actual política cambial, poderá favorecer alguns agentes económicos menos produtivos em detrimento de outros que tendo sido importantes no desenvolvimento económico do país, atravessam agora uma fase crítica, deixando-os perto do ocaso, com consequências económicas e sociais desastrosas.

Banco de Crédito do Sul

Desenvolvimento de um trabalho conjunto com parceiros nacionais e internacionais



Maria do Céu Figueira

Presidente do Conselho de Administração

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

No último ano, dedicado ao processo de implementação e início da actividade do Banco BCS, concretizámos a ambição de fazer Banca Privada em Angola. Dando cumprimento ao plano de negócios aprovado, no início de 2016, o banco realizou o seu primeiro aumento de capital para 6.000 M Kwanzas AOA., continuou a sua política de investimento na qualidade dos meios, na competência dos colaboradores e na oferta de um serviço exclusivo e competente, alicerçado nas melhores práticas internacionais de governação corporativa, *compliance* e controlo interno.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

O Banco BCS actua nos segmentos de Private e Corporate Banking, com oferta de serviços exclusivos e personalizados. Este posicionamento exige-nos um acompanhamento e apoio na gestão dos desafios que se colocam aos nossos clientes e ao país, quer sejam cambiais ou outros. O BCS, por operar no segmento Private, assume especiais responsabilidades na procura de soluções adequadas à conjuntura actual. Desenvolvendo um trabalho conjunto com parceiros nacionais e internacionais, temos alcançado êxito na concretização das mesmas, com impacto muito positivo no apoio a projectos de relevância social e económica para o país.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

O BCS continuará a sua consolidação como banco de referência na prestação de serviços da Banca Privada e Corporativa em Angola.

Este processo será acompanhado de novo aumento de capital social, alargamento da rede, nacional e internacional, de atendimento *private* e consolidação das relações com os clientes e parceiros. O BCS pretende continuar a contribuir, com apoio técnico e financeiro, para o desenvolvimento de projectos estruturantes para a economia nacional.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

O crescimento da economia angolana é indissociável do desempenho e compromisso da banca. Cada banco, no segmento em que opera, tem a responsabilidade de colaborar no desenvolvimento social e económico do país.

O BCS, na sua vertente *corporate*, tem uma postura activa na promoção da inclusão financeira do empresariado nacional, através de acompanhamento profissional e personalizado aos clientes que pretendem desenvolver projectos empresariais.

A parceria entre o banco e o empresário começa no apoio ao desenvolvimento do plano de negócio, passando pelo aconselhamento financeiro e do modelo de gestão, implementação do projecto e posterior gestão e monitorização do seu crescimento.



Banco de Desenvolvimento de Angola

Financiamento de projectos estruturantes e estratégicos prioritários



Manuel Neto da Costa
Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

Nos últimos 12 meses o BDA concluiu processos e procedimentos importantes do crédito, no sentido de assegurar uma avaliação técnica, económica e financeira dos projectos, assim como uma avaliação de risco dos créditos a eles associados, que lhe garantam adequada selecção. Também tomou medidas no sentido da melhoria do processo de acompanhamento dos projectos financiados, de modo a assegurar-se da sua efectiva e adequada implementação. Isso era um imperativo, pois ao longo de sete anos de operação constitui-se uma carteira de baixa qualidade, tanto para o banco, como para a economia. Por outro lado, e em relação a essa carteira constituída nos primeiros sete anos de operação do banco, o BDA lançou um processo abrangente de reavaliação dos projectos que a deram lugar, no sentido de conduzir um programa que visa conter a degradação da carteira e melhorar o seu desempenho. E esse programa foi lançado.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

O BDA, enquanto banco público de desenvolvimento, tem em implementação a estratégia que para si foi aprovada pelo Governo, para o período de 2013-2017, em linha com os objectivos do Plano Nacional de Desenvolvimento 2013-2017. Essa estratégia assenta no financiamento de projectos estruturantes e estratégicos prioritários, capazes de alavancar cadeias produtivas. Nas circunstâncias actuais e face às mudanças que percebemos na nossa economia e entendemos serem de natureza estrutural, procuramos captar linhas de financiamento junto de bancos internacionais para financiar as componentes de importação das despesas de investimento dos nossos clientes (máquinas e equipamentos, fundamentalmente), assim como privilegiamos o financiamento de projectos viáveis, de risco tolerável e que revelem um balanço cambial positivo.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

A trajectória do banco nos últimos anos, do ponto de vista económico e financeiro, fruto do vencimento do período de carência (de até 48 meses) de grande parte dos projectos financiados no passado e de baixa qualidade, tem sido negativa. Com as medidas em curso esperamos que, em meados de 2017, comecemos a experimentar a inflexão para uma trajectória positiva. Por outro lado, estamos a abraçar projectos de grande relevância económica e social que nos vão assegurar uma contribuição relevante para o esforço de diversificação da economia nacional, com o sucesso dos investimentos que estamos a financiar no aumento da cobertura da procura de bens e serviços de consumo com produção interna e na oferta de empregos estáveis.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

A banca pode ter um papel catalisador. É necessário, entretanto, que as políticas públicas assegurem ambiente para o efeito. Sustento isso com a constatação de que, até hoje, as principais fontes de rendimento da banca foram, por ordem decrescente, (i) as operações de comércio exterior, (ii) as aplicações em títulos públicos, (iii) as comissões bancárias e afins e, (iv) por último, o crédito. Mas este último, conforme dados do BNA, voltado para (i) o comércio e serviço (41%), (ii) construção e imobiliário (26%), particulares (17%), indústria (11%) e agricultura, pecuária, silvicultura e pescas (5%). Portanto, a pirâmide mostra-se invertida para as necessidades actuais da economia angolana. Mas não se consegue a inversão pregando “moral e bons costumes”; é necessário que as políticas públicas criem um ambiente que incentive os bancos a agir de modo diferente. A crise actual, entretanto, apresenta-se como uma soberana oportunidade para o efeito.

Banco de Investimento Rural

Articulação de acções comerciais que visam o alcance progressivo dos objectivos



Rosário José Matias
Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

O nosso modelo de negócio exige a implementação de uma estrutura que combine de forma eficaz a articulação de acções comerciais que visam o alcance progressivo dos objectivos de curto, médio e longo prazo. Nos últimos 12 meses os destaques da nossa actividade consubstanciaram-se essencialmente na criação contínua da carteira de clientes a fidelizar, específica do segmento a que nos pretendemos especializar, na captação de recursos com vista ao incremento e dinamização da função creditícia e, naturalmente, na adequação da nossa orgânica e processos, aspectos aos quais dedicamos permanente atenção, sempre na perspectiva do alcance da robustez necessária ao exercício da actividade. Destacamos ainda o lançamento do nosso site institucional onde incorporamos a plataforma de *Internet Banking* e o serviço BIRnet no qual os nossos clientes podem efectuar operações. Colocamos igualmente em utilização na rede comercial os nossos Terminais de Pagamentos Automáticos.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Pelo facto de ser uma instituição financeira que ab initio definiu o seu foco preferencial de negócio na resposta às necessidades de financiamento ao sector primário (agricultura, pecuária, pescas e outros) que no actual quadro devem merecer especial atenção, o BIR não teve que operar grandes alterações à sua estratégia face a conjuntura actual, isto porque, um dos principais desafios do momento é a criação de condições para que a classe empresarial nacional trabalhe nas áreas que acima

referi, e estas, uma vez impulsionadas, garantirão uma maior contribuição do sector da economia real na estrutura do PIB e, gradualmente, na construção de uma economia diversificada, desafio amplamente divulgado e ambicionado pelo Estado Angolano. Entretanto, face as consequências resultantes do impacto da crise, o BIR ainda em fase primária de consolidação, teve obviamente que operar ajustamentos a sua estratégia e plano de negócios visto que alguns dos pressupostos inicialmente definidos, afiguraram-se inconsistentes e, numa perspectiva de gestão dinâmica, medidas imediatas de correcção foram aprovadas e têm vindo a ser implementadas no sentido de manter o banco no curso e finalidade para o qual foi criado.

Complementarmente a isto, e atendendo ao actual contexto económico e cambial, como se sabe, os constrangimentos são transversais a todas as instituições e o que temos vindo a fazer é uma racional distribuição dos montantes que nos são alocados por via dos leilões, aos clientes que nos solicitam operações sobre o estrangeiro para as diversas finalidades. Entendemos que o desafio aqui é enorme, pois, sendo a nossa economia uma economia fortemente dependente de importações e, para se concretizar o programa de potenciação da produção interna ainda teremos pela frente um período de muita importação.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

Para o período em questão o BIR vai trabalhar no sentido de atingir (i) a consolidação da vertente da banca comercial, incrementando a sua base de clientes relevantes e alargamento da oferta de produtos e serviços, (ii) implementação da vertente de Banca de Investimento, com a criação de equipa com competências para a prossecução dos desafios à esse nível, (iii) potenciar o negócio através de parcerias internas e externas; (iv) reforçar e consolidar a sua situação financeira, tendo em atenção a proficiência operacional e o cumprimento dos rácios prudenciais estipulados pelo supervisor, (v) adequar a sua estrutura organizacional interna e aumentar a visibilidade da Marca BIR.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

No meu ponto de vista, uma resposta a esta questão deve abarcar uma perspectiva interna e outra internacional, isto porque, estando a banca inserida no sistema económico e financeiro, neste momento de necessária dinamização da nossa economia, ela não se deverá cingir apenas a dar respostas aos desafios domésticos, mas, e consequentemente, deverá talhar-se de maneira estruturada para o estabelecimento pleno das relações comerciais no mercado internacional.

No plano interno, a banca deve continuar a desempenhar o seu tradicional papel de captação de poupanças dos agentes aforradores, canalizando-as essencialmente ao investimento. Todavia, em função da conjuntura actual, os bancos têm que saber responder de forma criteriosa as necessidades de financiamento dos agentes económicos nacionais, atendendo fundamentalmente,

projectos destinados a alavancagem da produção interna, a promoção da melhoria e criação de novos serviços, deve igualmente, direccionar a sua oferta de produtos e serviços com o objectivo, também, de atrair os consideráveis montantes que circulam no mercado informal para o circuito formal, incluindo soluções para a franja social de baixa renda e dessa forma ir elevando a taxa de bancarização, sem perder o foco do quadro das prioridades económicas do país e as necessidades efectivas dos seus clientes. Importa referenciar porém, que este conjunto de iniciativas devem andar em sintonia com as linhas orientadoras das políticas económicas, particularmente, as políticas monetária e cambial, com vista a estabilizar variáveis macroeconómicas, tais como, a taxa de câmbio, a inflação e o emprego, factores que ajudarão a preservar a confiança no sistema bancário. Iniciativas complementares com objectivo de conquistarmos maior abertura e credibilidade no plano internacional, estão associadas ao fenómeno da globalização. Globalização dos mercados, globalização financeira, esta última que tem a ver com os fluxos de capital.

Banco de Poupança e Crédito

Reorientação da cultura do banco no sentido do rigor, da qualidade, da transparência e do compromisso



Fotografia: DR

Cristina Florência Dias Van-Dúnem

Presidente do Conselho de Administração

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Em tempos de crise, todas as empresas mais ou menos tentam posicionam-se de formas a tirarem proveito das oportunidades que podem surgir e que lhes permitam sair da crise mais fortes do que quando entraram. No caso do BPC não pode ser diferente. Todos sabemos que a crise económica e cambial tem tido grande impacto no sector bancário, no entanto, e em termos de mercado, o BPC está posicionado num segmento bem diferenciado. Na sua função de executor do serviço de caixa do Tesouro Nacional, o banco tem a possibilidade de capitalizar no apoio social a população angolana e, por via da melhoria da qualidade dos serviços, posicionar-se num patamar elevado no segmento das pequenas e médias empresas.

Neste sentido, a nossa estratégia no actual contexto económico e cambial deve centrar-se em iniciativas ajustadas ao potencial que o banco possui, em melhorar e ampliar os serviços ao seu público-alvo.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

Como é de conhecimento público, acaba de ser nomeado um novo Conselho de Administração, do qual, pela primeira vez na história do banco, passou a emanar uma Comissão Executiva. Com este gesto, os accionistas deram à sociedade um sinal inequívoco de que pretendem para a instituição um referencial de governação em linha com as melhores práticas do sector financeiro e que continuam também a apostar no banco como um dos seus principais veículos no sector financeiro. Assim sendo, em 2017, entre outras coisas, o banco vai dar início à melhoria dos processos de governação corporativa, de diversificação das fontes de captação e de financiamento, por forma a assegurar uma posição de liquidez adequada à estratégia do banco, bem como de reorientação da cultura do banco, no sentido do rigor, da qualidade da transparência e do compromisso com a instituição.

Enquanto principal banco público, qual deve ser o papel do banco no sistema financeiro nacional?

Um factor importante a considerar é que o BPC é a entidade bancária que conta com a maior rede de balcões a nível nacional. Os balcões do BPC são os que operam nas zonas de mais difícil acesso, onde a banca privada nem sempre está disponível, e realizando fundamentalmente o serviço de caixa do tesouro nacional. Assim, os produtos e serviços do banco estão preparados para atender a tipologia dos seus clientes. Neste sentido, encontram-se no banco produtos e serviços dirigidos a particulares que prestam serviço ao sector público, entidades do sector público e sector privado. O banco joga aqui, portanto, um papel bastante importante na dinamização e oferta de produtos de crédito ao sector da população composta por funcionários públicos, bem como na implementação dos grandes projectos do Estado.

Por outro lado, a estratégia do Governo para o sector financeiro, centra-se entre outras na necessidade de se fortalecer o processo de inclusão social e financeiro, num cenário onde as políticas e programas sociais possuem especial relevância e geram uma demanda de serviços potenciais dedicados a uma franja particular da população. Neste sentido, o BPC torna-se num importante veículo, tendo em conta que é a única instituição bancária que chega a lugares remotos do país. Ou seja, por via da plataforma logística do banco é ampliado o acesso aos produtos e serviços bancários. Embora se reconheça o muito que ainda há a fazer neste domínio, o nível de capilaridade da sua rede de balcões, associado a adequados meios tecnológicos, podem posicionar o banco como o principal parceiro do Estado no processo de inclusão social e financeira.

Banco Económico

Reforçar e valorizar a marca, através de níveis de serviço ao Cliente e da oferta de produtos



Sanjay Bhasin

Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

Nós existimos para servir os clientes e este é o nosso principal objectivo. Temos vindo a envolver-nos, cada vez mais com os nossos clientes, para compreender as suas necessidades, perceber como podemos responder às suas expectativas e lançar novos produtos. Também temos adoptado um papel de orientador perante os clientes, para que tenham uma noção muito realística do que nós – ou qualquer outro banco – lhes pode disponibilizar no actual contexto económico. A satisfação do cliente surge em função do que lhes podemos oferecer face às suas expectativas. Quanto mais realísticas forem as expectativas dos clientes, melhor poderemos satisfazê-las.

Temos vindo a trabalhar solidamente no reforço do nosso balancete. Este objectivo tem vindo a ser atingido através da nossa abordagem junto dos clientes que procuram obtenção de produtos de crédito, e que se assume como uma relação de parceria e equidade.

O cliente deve ter um modelo de negócio sustentável, deter uma parte de capitais próprios e não depender exclusivamente do financiamento bancário. Do nosso lado, avaliamos a proposta e definimos o acordo com base nas justas condições de mercado.

Em segundo lugar, quando alguns clientes entram em incumprimento das suas obrigações para com o banco, envolvemo-nos com ele e estimulamo-los a chegar a um acordo mutuamente aceitável.

Em terceiro lugar, estamos a equilibrar o crescimento do negócio com a rentabilidade. Quando são identificados negócios, ou locais, onde os nossos recursos podem ser melhor utilizados, nós realocamos estes recursos de forma a maximizar a utilização das nossas infraestruturas e da nossa mão-de-obra.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

A actual situação económica resulta de vários factores macro económicos, que estão fora do nosso controlo. O nosso principal esforço tem passado por prevenir os nossos clientes de que esta situação pode durar algum tempo e não pode ser revertida apenas pela nossa vontade.

A enorme necessidade de recursos cambiais por parte dos nossos clientes resulta da forma como a nossa economia está estruturada. Actualmente, simplesmente não é possível satisfazer esses requisitos. Os clientes necessitam de explorar soluções alternativas e definir horizontes temporais mais longos.

Tendo em conta a escassez de divisas, temos customizadas algumas soluções que ajudam os clientes a proteger o valor dos seus activos líquidos, se tiverem a percepção de que estes activos podem ser depreciados.

Temos sido muito defensores e apoiantes de projectos focados na produção doméstica e na substituição de importações. Acredito que este é o caminho de longo prazo para atingir o desenvolvimento sustentável da nossa economia. Esta tipologia de projectos é vantajosa para os clientes, para o país e para o banco.

Neste contexto, temos vindo a desencorajar alguns projectos que dependem solidamente da disponibilidade de divisas.

Temos tentado alertar os clientes que possam estar irrealmente optimistas nas suas projecções. Estas situações podem surgir também no caso de projectos que não dependem apenas de moeda estrangeira, mas que possam não conseguir suportar os elevados níveis das taxas de juro que estão a ser registados na nossa economia.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

Penso que será pouco provável que o contexto macro económico registe melhoras significativas em 2017. Neste sentido, os nossos objectivos são o crescimento e a gestão de risco.

Vamos continuar a reforçar e valorizar a nossa marca, através de melhores níveis de serviço ao cliente e da oferta de produtos. Esta estratégia inclui produtos de poupança e serviços que aumentem a experiência dos clientes através da internet, ou o uso de cartões de pagamento. Vamos apostar nestes segmentos, porque acreditamos que necessitam de uma maior atenção e apresentam um elevado potencial.

Vamos continuar a desempenhar o nosso papel no crescimento da economia. Para os sectores que são fortemente dependentes da importação, vamos tentar facilitar os processos trabalhando com os nossos parceiros bancários internacionais. No sector doméstico, iremos encorajar e apoiar projectos de substituição à importação, que sejam viáveis e que tenham potencial para gerar parcerias de longo prazo.

Podemos efectuar uma melhor gestão de risco se ajudarmos os nossos clientes a gerir melhor o seu próprio risco. Assim, níveis mais elevados de controlo de qualidade na fase inicial de aprovação de crédito continuarão a ser os factores mais críticos.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

A inclusão financeira tem vastas ramificações. Para os indivíduos, para os padrões de vida, para o crescimento do PIB e, também, para o crescimento da indústria bancária. Contudo, é necessário reconhecer que no actual modelo bancário podem surgir conflitos entre a inclusão financeira e os objectivos comerciais de rentabilidade. O modelo tradicional de rede de balcões da banca é muito caro em Angola e vai continuar a ser. A actual mudança global na área da tecnologia financeira, mais vulgarmente denominada "fintech" necessita de ser adoptada neste mercado. Existem duas formas de assumir a mudança: podemos aguardar que os outros inventem, inovem, migrem, implementem, testem, modifiquem e estabilizem, ou podemos participar nos primeiros passos de migração e implementação.

A banca digital e os pagamentos via *mobile* já representam largas seções da indústria financeira global, incluindo países africanos.

O fenómeno da "fintech" é a melhor solução para a inclusão financeira, dado que pode eliminar a necessidade de contas bancárias, mas implica também muito trabalho, investimento e coordenação entre bancos, entidades reguladoras, associações industriais e a indústria de telecomunicações.

Banco Keve

Adequar a organização aos novos paradigmas do mercado



Arlindo das Chagas Rangel
Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

Apesar de persistirem os problemas conjunturais, o desempenho do banco saldou-se positivo, tendo-se observado um crescimento dos depósitos na ordem dos AOA 12.3 mil milhões, mais 12% do que o período homólogo anterior. Destacamos ainda o aumento de AOA 18.1 mil milhões ocorrido no Activo e por conseguinte, o registo de um crescimento significativo dos Resultados Líquidos na ordem dos 170%, ascendendo os AOA 3.7 mil milhões. Estes dados animadores resultaram da estratégia comercial implementada, focada sobretudo na banca de retalho, que para além de ter permitido o crescimento dos depósitos, foi essencial para a redução do seu nível de concentração. No capítulo da expansão, temos levado adiante o nosso plano, tendo na primeira metade do ano inaugurado duas novas agências bancárias, a de Viana Cometa e a do Luanda Shopping. O Banco continua a adoptar um conjunto de estratégias para o reforço da sua posição competitiva e aumento da sua presença a nível nacional, quer na dimensão da sua rede de Agências como dos Centros de Empresas, com o objectivo de criar valor e acompanhar de forma qualitativa os Clientes.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

O actual contexto económico tem obrigado os bancos de uma forma geral a repensarem os seus planos estratégicos e de negócios. O banco Keve, em particular, tem adoptado uma série de medidas que visam minimizar os impactos negativos da crise cambial que assola o país. Temos procurado adequar a nossa organização aos novos paradigmas do mercado. A busca de novas fontes financiamento internas e externas, a melhor eficiência nos processos, a ampliação das fontes de receitas, a gestão eficiente do capital humano, o aumento da capacidade de inovação, a maior acessibilidade aos produtos e serviços bancários, a melhor gestão dos riscos associados à actividade e a flexibilidade da organização às novas exigências do sector, têm sido objectivos perseguidos pela nossa gestão.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

Assumimos o compromisso de transformar a nossa instituição num banco de referência no sistema financeiro angolano e isso terá que passar necessariamente pelo desenvolvimento das competências dos nossos Recursos Humanos, pela maior disseminação dos nossos canais de distribuição, com especial destaque para as plataformas electrónicas, pelo maior dinamismo ao nível do mercado de capitais, sendo um intermediário de excelência para os investidores que transacionam títulos junto à BODIVA, pela potencialização da capacidade de inovação na oferta de produtos e serviços e pela maior flexibilidade para se adaptar às novas exigências de carácter regulamentar, bem como às boas praticas bancárias, principalmente as relacionadas com as políticas de compliance, as regras emanadas pelo comité de Basileia e as IFRS. Com o alcance destes desideratos, conseguiremos garantir a prestação de serviços de excelência aos nossos clientes, a criação de valor para os accionistas, a valorização das condições e carreiras dos nossos colaboradores e, por último, continuar a prestar a nossa contribuição para o desenvolvimento económico sustentado de Angola.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

O papel dos bancos cada vez mais não se esgota na intermediação financeira entre depósitos e crédito, a sua actuação nos dias que correm vai muito além disso. Os bancos posicionam-se como um parceiro dinâmico, proactivo e facilitador do investimento, quer ao nível operacional, quer ao nível estratégico.

Em Angola, a banca tem sido o motor de revitalização dos sectores produtivos, demandando recursos financeiros para a realização de investimentos, contribuindo assim para o desenvolvimento do sector empresarial privado, promovendo a produção nacional, a criação de emprego e a redução das importações. Igualmente, tem sido um factor impulsionador da inovação tecnológica e da modernização da economia, facilitando a nossa inserção na economia global.

Tendencialmente, o comportamento natural do sistema bancário em momentos difíceis da economia é de restrição da oferta de crédito, face às incertezas sobre o rumo da economia, tornando-o mais escasso e mais dispendioso. É nesta fase que a intervenção das entidades públicas se mostra mais necessária, quer por via de programas de fomento às empresas, como é o caso do Angola Investe, quer por via dos mecanismos legais que mitigam os riscos de crédito, nomeadamente a questão da regularização da titularidade e registo dos imóveis e a questão da agilidade do contencioso, factores que constituem restrições à actividade de crédito dos bancos.

O banco Keve, em particular, com uma carteira de crédito que ascende já os AOA 60 mil milhões, tem dado o seu contributo para o desenvolvimento económico do país, a melhoria das condições de vida de milhares de cidadãos e para a tão almejada diversificação da economia.

Banco Kwanza Invest

Trabalhar com os Clientes no sentido de identificarem oportunidades e as consubstanciarem



Adriano de Carvalho
Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

No essencial, prosseguimos o objecto da nossa actividade enquanto intermediador financeiro, com ênfase nas actividades de banca de investimento, identificando para os nossos Clientes oportunidades e providenciando aconselhamento e assessoria em todo o tipo de operações de investimento. Simultaneamente, prosseguimos um processo de reestruturação e de adequação da nossa estrutura às necessidades do mercado, procurando melhorar a nossa eficácia, a nossa especialização e rentabilidade.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

O actual ciclo económico tem sido marcado pela diminuição do fluxo de divisas, resultante de uma descida significativa e prolongada na cotação do petróleo, o que teve impactos a vários níveis, de que realço a flutuação cambial, a subida nas taxas de juro e consequentemente a escassez no crédito. Esta situação obrigou o Estado e os agentes económicos a reenquadrar as suas prioridades e ajustar as suas actividades, numa fase de contenção, de escassez cambial e de necessidade de uma maior prioritização na aplicação dos capitais públicos e privados. Neste contexto, e apesar de alguma fluidez, continuam, no entanto, a existir enormes oportunidades de negócio, sendo o nosso propósito trabalhar com os nossos Clientes, assessorando-os no sentido de identificarem essas oportunidades de negócio e as consubstanciarem, criando valor acrescentado e realizando lucros, posicionando-se para a fase de retoma do crescimento, que inevitavelmente virá.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

As metas do Banco Kwanza Invest para este ano consistem, em resumo, no reforço da carteira de Clientes sob gestão, no aumento do número de operações e na manutenção da rentabilidade do Banco.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

Como se verifica em qualquer economia de mercado, a banca angolana actua como uma verdadeira mola dinamizadora da economia nacional, prestando serviços financeiros e canalizando a poupança para o sector produtivo através do crédito. O facto de o sector financeiro angolano estar numa fase de ajustamentos e de algumas dificuldades, que são próprias do ciclo que atravessamos, tem condicionado a banca no cumprimento do seu papel na sociedade e no apoio à economia, mas isso não significa de forma alguma que a banca tenha relegado para segundo plano a sua missão de financiamento à economia angolana. Pelo contrário, após as reestruturações em curso, a banca permanecerá um interlocutor privilegiado no desenvolvimento económico, assistindo as pessoas, as empresas e o Estado nos seus projectos, procurando continuamente dotarem-se de meios mais sólidos e adequados para atingir um maior número de iniciativas empresariais.

Banco Millennium Atlântico

Trabalhar na melhoria contínua e rigor das práticas bancárias



Daniel Santos

Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

Destaco particularmente a decisão estratégica de proceder à fusão do Banco Privado Atlântico e do Banco Millennium Angola, que foi acordada em Outubro de 2015, entre os accionistas destas duas instituições, decisão que levou ao primeiro movimento de concentração e potenciação de escala no sistema financeiro nacional.

Decorridos seis meses, o Atlântico tem hoje mais de 150 pontos de atendimento ao cliente em todo o território nacional, onde, todos os dias, cerca de 2.000 colaboradores servem com excelência os nossos mais de 950 mil clientes.

Juntos, alcançámos a liderança no fomento ao empreendedorismo nacional, sendo o principal banco financiador do Programa *Angola-Investe*.

Juntos, somos uma referência em soluções financeiras para as mulheres angolanas, para os jovens, para as pequenas e médias empresas, para além de que continuamos a ser líderes na construção de soluções de Banca de Investimento para grandes projectos de investimento.

Fechámos o primeiro semestre de 2016 com Fundos Próprios superiores a 120 mil milhões de AKZ, facto que, apesar do momento económico desafiante, nos permite afirmar que somos hoje mais fortes do que a soma das partes.

Destaco ainda a implementação do novo modelo de governo do Atlântico, onde estão claramente reflectidas as fronteiras de responsabilidades do Conselho de Administração (e suas respectivas Comissões de Supervisão de Risco, Auditoria, Estratégia e Negócio Internacional e Capital Humano) e as responsabilidades da Comissão Executiva, a quem compete implementar o plano de negócios.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Sabemos que o ciclo económico mundial que ocorreu entre 2004 e 2014 dificilmente será repetível e sabemos que hoje vivemos uma *Nova Normalidade*, onde o crescimento mundial é bastante mais reduzido, com impacto na redução do preço de mercado das *commodities*.

Os impactos negativos desta realidade internacional na economia angolana criaram desafios *hercúleos* ao Governo, em matéria fiscal, e ao Banco Central, em matéria monetária e cambial.

Neste contexto, temos vindo a colaborar estreitamente com as autoridades nacionais, no sentido de encontramos soluções para reduzir o impacto da escassez de oferta de divisas, actuando em duas vertentes: por um lado, reforçando a credibilidade internacional do banco junto das entidades reguladoras internacionais e junto dos bancos correspondentes, trabalho que nos tem permitido reforçar as linhas de crédito internacionais que temos juntos desses bancos; e, por outro lado, temos trabalhado estreitamente com o Banco Central e com entidades internacionais na montagem de soluções de financiamento, com vista a reduzir a pressão de curto prazo sobre as Reservas Internacionais Líquidas do País.

Apesar do momento económico desafiante, vemos sinais encorajadores na economia, observando que vários agentes económicos estão a reagir, a ajustar as suas expectativas e a investir em novos projectos no sector industrial e agro-industrial. O Atlântico orgulha-se de estar a contribuir para o sucesso de alguns desses projectos.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

Até 2017, o banco tem como principais objectivos: continuar a materializar as sinergias de negócio com base nas quais foi assinada a proposta de fusão entre accionistas, através de mais eficiência, da potencialização da escala actual e da capacidade de oferecer mais e melhores serviços e produtos às famílias e às empresas; continuar a trabalhar na melhoria contínua e rigor das nossas práticas bancárias, com o objectivo de consolidar a relação com os reguladores e bancos contrapartes internacionais; e, por fim, mas não menos importante, continuar a trabalhar com afinco para cumprir com o compromisso assumido com os accionistas e com o mercado, de abertura de capital em Bolsa de Valores através de um IPO.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

A banca nacional tem tido nos últimos anos um papel relevante como catalisador do crescimento económico, quer através da promoção da poupança, quer através da disponibilização de financiamento ao Estado, famílias e empresas.

Adicionalmente, o sistema financeiro tem promovido a simplificação das interações financeiras, contribuindo para aumentar a inclusão económica do micro-empendedor e reduzir a informalidade da economia. Para este sucesso, muito tem contribuído o investimento em balcões feito pelos bancos em todo o território nacional e o investimento em tecnologias de meios electrónicos de pagamento. Neste contexto, acreditamos que a banca em Angola continuará a investir para se manter como um dos pilares indutores do crescimento e do fortalecimento económico do país.

Banco Prestígio

Reforço da posição como Investment Banking em Angola



Maria João de Almeida
Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

O ano 2015 foi o primeiro de actividade do Banco Prestígio, caracterizado pela estruturação dos serviços e criação das condições operacionais. Foi finalizada a estruturação do *Investment Banking*, o principal foco do Banco. Destacamos ainda a admissão como agente de Intermediação pela Comissão de Mercados de Capitais (CMC) e pela BODIVA, factos que marcaram a nossa actividade, nesse período. No plano das actividades, destacamos a assinatura de mandatos de estruturação e montagem no âmbito da actuação do Banco como *Investment Banking*. E por fim, os indicadores de desempenho alcançados estão alinhados com o *Business Plan*, tendo o Banco atingido, neste início de actividade, um desempenho bastante satisfatório, onde se destaca o rácio de solvabilidade regulamentar de 159%, dos mais elevados do mercado, o que demonstra a estabilidade da actividade do Banco.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

As dificuldades sentidas como consequência das limitações impostas pela escassez de divisas na nossa economia criam também algumas oportunidades que o Banco Prestígio pretende explorar. Surgimos num contexto em que essas dificuldades se foram agravando e temos vindo a melhorar e a crescer positivamente neste clima adverso da economia nacional e internacional.

O Banco Prestígio tem apostado fortemente na diversificação da economia, com maior pendor nos sectores prioritários que compõem a estratégia nacional de desenvolvimento do executivo, e no apoio à produção nacional, onde disponibilizamos produtos e serviços especializados voltados aos projectos estruturantes para a indústria, agricultura, energia, água e saneamento e que visam, sobretudo, a criação de riqueza, a melhoria dos serviços básicos às populações e o emprego.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

São metas de curto prazo: a consolidação da marca Prestígio; o reforço da posição como *Investment Banking* em Angola; garantir a sustentabilidade dos projectos em carteira; e a captação de linhas para potenciar a economia, por via da estruturação e montagem de projectos estruturantes dos sectores propostos atingir.

Temos consciência que para atingirmos este desiderato, o Banco deve apostar no capital humano, com acções de literacia financeira especializada em *Investment Banking* contínuas e também reforçando internamente a estrutura de governação e gestão de risco.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

O sector financeiro em geral e o bancário em particular, configuram-se como dos mais importantes da economia. Urge, por isso, que o sistema financeiro seja fortalecido para melhor suportar a inclusão financeira dos agentes económicos, para enfrentar os desafios que se colocam à economia. A banca joga por isso um papel preponderante, à medida que é o principal meio de ligação entre o empresariado e a economia. Para além dos desafios que se colocam ao sector, em matéria de alinhamento com as melhores práticas internacionais, dos quais o BNA tem vindo a produzir legislação nesse sentido, no plano interno, é necessário aumentar a bancarização dos fluxos de rendimentos na economia, alargando o envolvimento do sector para diminuir a circulação de valores consideráveis fora do circuito bancário, sobretudo no mercado informal e para tal a Banca Comercial é também chamada a cumprir um papel pedagógico, enquanto parceira do Banco Nacional de Angola, no processo Bankita. É necessário aproximar o cidadão comum do sistema e promover um acesso universal a todos, incluindo os de menor rendimento.

Banco Pungo Andongo

Consolidar a instalação, fazer crescer a capacidade comercial e atrair talentos



José Valentim Barbieri
Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

Para qualquer empresa em início de actividade, como a nossa, nada pode ser mais importante do que consolidar a instalação e atrair talentos. Apesar das dificuldades do noviciado e da pequena dimensão, pudemos contar com algumas realizações de extrema importância, como a participação no mercado cambial e, principalmente, o apoio e suporte dos acionistas comprometidos com a implementação do banco e a dotação de dimensão adequada de fundos próprios, para uma operação estável.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Parece-nos que a prudência é sempre boa companheira do negócio bancário, principalmente no contexto atual da conjuntura mundial e angolana. Os negócios em moeda local estão a ganhar preponderância, os clientes cada vez mais exigentes com a qualidade dos serviços, os padrões de supervisão em elevação, mas, ao mesmo tempo, há que estar atento às oportunidades que surgem com o esforço de diversificação da economia, e participar dela.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

Tendo entrado em operação no final do ano de 2015, o nosso principal objectivo é consolidar a implantação e fazer crescer a capacidade comercial, com pelo menos mais três novos balcões.

Mais que isto, acreditamos que o nosso grande objectivo está na qualificação das pessoas, e na construção da identidade cultural do nosso banco e da nossa marca.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

A inclusão financeira é muito importante, e a entendemos de uma forma muito abrangente. Cremos que priorizar os trabalhos para a entrada do sistema financeiro angolano no mercado internacional é a inclusão das mais importantes para os negócios em geral. Ainda, neste momento de transição económica geraram-se algumas dificuldades de mobilidade financeira, e portanto recuperar o grau de confiança dos agentes é tão importante quanto urgente, para um clima positivo de negócios.



Banco Sol

Excelência de serviço a clientes e contínuo apoio a projectos com valor acrescentado para a economia



Coutinho Nobre Miguel

Presidente do Conselho de Administração

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

Concluiu-se em 2015 e com inteiro sucesso, mais um ciclo plurianual de desenvolvimento do banco, cujas metas e objectivos se encontravam plasmados no respectivo Plano Estratégico 2012-2015. Mesmo coincidindo a fase final deste ciclo, como é sabido, com uma conjuntura macroeconómica especialmente difícil, quer em termos internacionais quer em termos domésticos, conseguiu o Banco Sol, mercê de uma gestão de negócios ambiciosa mas também exigente em termos da solidez financeira da Instituição, atingir resultados expressivos em linha com os objectivos propostos, dos quais me permito realçar os seguintes: atingidos, em finais de 2015, os maiores resultados líquidos da história do Banco (cerca de 7,5 mil milhões de Kwanzas); registado um crescimento superior a 58% dos resultados operacionais, entre finais de 2014 e 2015, tendo mesmo registado um crescimento de 5,7 vezes nos últimos 4 anos; verificado um crescimento do Produto Bancário em cerca de 17%, em 2015; verificado uma expansão da actividade do Banco, bem reflectida no crescimento do Activo de 21% com um valor de 328 mil milhões de Kwanzas, dos depósitos de clientes e do crédito em 17% atingindo os valores de 277 mil milhões e 111 mil milhões de Kwanzas, respectivamente; expansão da rede física de distribuição para 184 balcões em finais de 2015 (representando uma duplicação da rede nos últimos 4 anos), com presença em todo o território nacional; atingido o número de cerca de 490 mil clientes activos, no todo nacional (crescimento de 16% em 2015); atingidos níveis claramente confortáveis de solidez económica e financeira, traduzidos num rácio de

solvabilidade de 17,4% em finais de 2015, e na manutenção de níveis prudenciais adequados de provisionamento para potenciais riscos da actividade (exemplo: rácio de cobertura da carteira de crédito vencido por provisões de 419%).

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

o Banco Sol posiciona-se hoje como uma Instituição financeira nacional, colocada entre os 6 maiores operadores nacionais, com uma gama universal de oferta de produtos e serviços financeiros, indo da actividade de retalho puro ao *private e corporate banking*. O comprometimento com o desenvolvimento da economia nacional é pois total e indiscutível. É conhecido que, devido principalmente à abrupta e prolongada queda internacional dos preços do petróleo, a conjuntura económica angolana atravessa um período difícil com múltiplos impactos, dos quais se realçam apenas os mais directamente impactantes na actividade bancária: o desequilíbrio cambial, traduzido na escassez de divisas no mercado, provocando uma enorme acumulação de ordens de pagamentos sobre o exterior, na banca comercial; uma política orçamental restritiva (justificável e necessária), não permitindo ao estado impulsionar a economia como seria desejável num ciclo de crise económica; uma acentuada subida da inflação, conjugada com uma desaceleração do crescimento económico, colocando pressões e riscos acrescidos sobre a qualidade dos activos da banca comercial.

Excelência de serviço a clientes (tanto na qualidade de atendimento como operacionalmente) bem como o contínuo apoio (firme e pró-activo, mas firme) a todos os projectos empresariais com reconhecido valor acrescentado para a economia nacional, portanto estruturantes, credíveis e exequíveis, são compromissos e objectivos que o Banco Sol continuará empenhadamente a prosseguir.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

o ano de 2016 marca o início de um novo plano estratégico prurianoal (2016-2020) do Banco, preparado pelo Conselho de Administração e em devido tempo sufragado pela respectiva estrutura accionista.

o plano assenta nos seguintes 7 pilares estratégicos de desenvolvimento, sendo o conjunto dos respectivos objectivos estratégicos neles coerentemente integrados: desenvolvimento do Capital Humano, Formação e Especialização; crescimento orgânico, em todos os parâmetros mensuráveis da actividade, reforço do posicionamento estratégico no mercado, como banco do "dia-a-dia" e "1º banco" dos seus clientes; reforço do foco no incremento da eficiência e produtividade globais da Instituição; internacionalização, como forma de acompanhar, de uma forma efectiva e actuante, o dinamismo de internacionalização da economia angolana; reforço da robustez, solidez e resiliência do banco, através da manutenção de sólidos e *compliant* princípios de governação corporativa, bem como de um sólido sistema de controlo interno dos riscos inerentes à actividade; manutenção e incremento das acções de responsabilidade social, como forma de retribuir à comunidade o apoio e contributo dela recebidos; e consolidação das práticas de *compliance* e governação corporativa adequação às exigências da nova legislação de regulamentação prudencial e supervisão bancária.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

Este papel é, justa e universalmente, aceite como fundamental. Enquanto intermediária financeira por excelência, a banca assume o papel crescentemente imprescindível, não só de principal canalizador de recursos para a esfera produtiva da economia, mas também (e com importância acrescida na economia angolana) de principal motor integrador das diferentes manifestações de actividade económica em modelos e paradigmas organizacionais formais e socialmente mais eficientes.

o Banco Sol em particular, tem desempenhado e continuará a desempenhar um papel relevante (e mesmo missionário, diríamos) nesta área, não só pelo seu pioneirismo na actividade de microcrédito, como pela constante e reconhecida actividade de apoio ao desenvolvimento do micro e pequeno empreendedorismo nacional actuando muito frequentemente aliás, como parceiro estratégico das inúmeras iniciativas do Executivo Nacional com vista ao desenvolvimento, consolidação e diversificação do tecido empresarial nacional.

Banco Yetu

Parcerias estratégicas que atendam aos objectivos de proximidade com os clientes



António André Lopes
Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

O Banco YETU surgiu como instituição financeira bancária há pouco menos de 1 ano, mais precisamente a 1 de Outubro de 2015. Somos, portanto, um banco novo no mercado e os principais aspectos que gostaríamos de destacar, destes meses de actividade, prendem-se, essencialmente, com as tarefas relacionadas com a estruturação e criação das condições para o início da operação.

Queremos referir-nos, nomeadamente, à criação do capital humano e da infra-estrutura física, adequados e ajustados aos desafios subjacentes à implementação do nosso Plano de Negócios, e à definição dos processos de gestão e dos sistemas tecnológicos e de informação, ajustados às exigências prudenciais e de conformidade, que garantissem a prestação de informações fiáveis e tempestivas ao Regulador e aos demais *Stakeholders*.

Do ponto de vista da implantação da infra-estrutura física, abrimos em Luanda a Agência Sede e em Menongue outros dois pólos de acção comercial: uma agência e um centro de empresas, através dos quais privilegiámos o atendimento rigoroso e com qualidade, oferecendo numa fase inicial os produtos e serviços bancários fundamentais. Mais recentemente começámos a disponibilizar o internet banking, o nosso NET YETU e, neste momento, temos uma equipa dedicada à construção de produtos de valor acrescentado, fazendo jus à nossa assinatura: Tradição e Inovação, através da qual transportamos a responsabilidade, o rigor e a transparência.

Naturalmente, como reflexo de tudo isso, temos a destacar, a evolução da nossa carteira de depósitos, que nos coloca num patamar cimeiro no conjunto de instituições que, connosco, iniciaram esta caminhada no último ano, mas também de algumas outras com mais anos de existência. De acordo com as estatísticas monetárias, em termos de volume de depósitos, saímos do 26º lugar em finais de Outubro de 2015, para o 18º lugar em 30 de Junho de 2016, no conjunto dos 28 bancos do sistema.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

O actual contexto económico e cambial está a provocar uma mudança na diversidade da procura e oferta de produtos e serviços bancários, na medida em que o negocio cambial era, além da principal fonte geradora de receitas para os bancos, um instrumento de captação e retenção de clientes tendo, por isso, colocado enormes desafios aos bancos, no sentido de encontrarem fontes alternativas de aplicação dos seus recursos. Atendendo ao facto do Banco YETU, ter iniciado a sua actividade já nesse contexto de crise económica e de escassez de recursos cambiais, a sua estratégia inicial de actuação, que mantém-se válida, está focada, essencialmente, na aplicação dos recursos em instrumentos de dívida pública e no crédito às empresas e às famílias. Tínhamos absoluta consciência de que a viabilização do banco, não passava preferencialmente pelo negócio cambial, mas sobretudo pelo crédito, apesar de estarmos convencidos de que, grande parte do crédito, tem implícito uma componente cambial, o mais que não seja, para a criação do capital fixo e, por isso, há aqui uma relação de causalidade que não pode ser descorada.

Lamentavelmente, apesar dos propósitos, o crédito à economia, não teve ainda o desempenho que esperávamos, devido a um conjunto de condicionalismos, à maioria dos quais de carácter exógeno, entre os quais já citamos a dependência de divisas e acrescentamos a qualidade das propostas e a insuficiência de garantias. Para suprir esta última limitação, o Banco está a finalizar o processo de adesão ao Angola Investe e espera em breve poder contar com este instrumento, para alavancar o crescimento do crédito à economia.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

O Banco YETU surgiu com o propósito de ser um banco de excelência na prestação de serviços financeiros e na sua relação com todos os actores do sistema, procurando ser uma referência no mercado, em pilares como a solidez, a transparência e a responsabilidade. Assim, do ponto de vista comercial, o banco pensa implementar o seu plano de expansão de forma prudente, procurando um equilíbrio permanente entre os investimentos em infraestruturas físicas e a manutenção de um rácio de imobilização dos fundos próprios compatível, equilibrado e flexível às variações da conjuntura, através do desenvolvimento de soluções de banca electrónica e de parcerias estratégicas que atendam aos objectivos de proximidade com os clientes, sem que isso passe necessariamente por uma presença física directa.

No que se refere à gestão dos recursos financeiros, o Banco vai continuar a adoptar uma rigorosa política de gestão de activos e passivos, que assegurem um equilíbrio permanente da sua estrutura de balanço, nomeadamente dos indicadores prudenciais e de equilíbrio financeiro e que, simultaneamente, garantam a preservação dos superiores interesses dos seus clientes e accionistas.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

O sistema bancário desempenha, em qualquer parte do mundo, um papel fundamental na dinamização do crescimento económico, tendo em conta a sua função de intermediação entre os agentes económicos aforradores e os tomadores de empréstimos. No nosso país, essa importância é ainda maior, dado o ainda incipiente papel que desempenha o mercado de capitais, enquanto fonte alternativa de financiamento às economias. O actual contexto socioeconómico do país contém, quanto a nós, uma janela de oportunidade para um reequacionar das estratégias de posicionamento da banca angolana, habitualmente centrada na execução de operações cambiais, em dois vectores que, pensamos, ainda não estarão suficientemente divulgados e dinamizados junto dos cidadãos no âmbito da Oferta de Produtos de Poupança aos seus Clientes Particulares e a Oferta de Crédito às PME com potencial de desenvolvimento da produção nacional.

Finibanco Angola

Melhoria da organização interna ao nível dos processos e métodos internos de funcionamento



António Pontes

Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

O abrandamento da actividade económica levou o banco a uma contenção na sua dinâmica comercial, permitindo colocar o seu principal foco na consolidação da robustez da Governação Corporativa e do Sistema de Controlo Interno, colocando o Finibanco em linha com as exigências actuais da Supervisão Bancária e com os padrões internacionais.

Destacaria entre outros os seguintes aspectos: a criação de Comitês de apoio ao Conselho de Administração, tanto para o Controlo Interno como para a Gestão de Riscos; a melhoria da organização interna do Banco ao nível dos processos e métodos internos de funcionamento, suportada num plano de reforço da capacitação dos Colaboradores para uma melhoria da qualidade de serviço a prestar aos clientes; a preparação do banco para os novos desafios resultantes das exigências regulamentares para a adopção plena das IAS/IFRS, a partir de 2016; o desenvolvimento interno do Modelo de Cálculo das perdas de crédito por imparidades económicas; o acompanhamento das imposições legais e regulamentares para reforço dos mecanismos de combate ao Branqueamento de Capitais e ao Financiamento do Terrorismo, adquirindo para o efeito ferramenta informática de AML que passou a funcionar como principal suporte às tarefas diárias da Função *Compliance*; o impacto negativo que a escassez de divisas no país teve na actividade bancária internacional, em resultado do forte abrandamento das importações de Angola; finalmente, salientaria o grande esforço feito pelo banco no rigor do cálculo das imparidades

económicas dos seus activos, conferindo assim ao Finibanco uma substancial melhoria da qualidade do seu balanço, esforço esse já iniciado em 2014 e que tem continuado em 2016.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Desde o 3º trimestre de 2014 que o Finibanco se vem ajustando à nova realidade económica de Angola, resultante da queda brusca do preço do petróleo, alterando, na medida do possível, a nossa abordagem ao mercado. Desde o início deste novo ciclo económico, de tendência descendente, que a nossa análise económico-financeira de Angola apontava para um período relativamente longo de dificuldades, 3 a 4 anos. Nessa perspectiva, decidimos abrandar toda a dinâmica comercial que estava em desenvolvimento (que permitiu ao banco triplicar a sua quota de mercado entre 2012 e 2014), alterando a estratégia do banco para uma maior exigência dos projectos económicos a apoiar, melhorando designadamente a qualidade da análise dos riscos e de melhoria das garantias associadas. Destacaria como mais importantes os seguintes aspectos. Ao nível do crédito: a prevenção e a mitigação do risco de crédito que passou a ter um "crivo" mais fechado na análise das operações; a maior atenção à recuperação do crédito vencido, com grande ênfase no reforço de garantias; e a antecipação (para o 4º trimestre de 2014) do cálculo económico das imparidades do crédito. Ao nível dos recursos: a preservação da carteira sem aumento do custo médio, em defesa de uma margem financeira saudável. Ao nível da imunização cambial do Balanço: o reforço dos activos indexados a moedas fortes, aumentando a carteira de dívida

pública angolana com essa característica, permitindo-nos simultaneamente acomodar de forma confortável os requisitos regulamentares, quer em matéria de risco cambial quer de reservas obrigatórias.

Este conjunto de medidas permitiu ao Finibanco caminhar para um balanço cada vez mais sólido, sem afectar a rentabilidade, preparando-o para os desafios do novo ciclo económico positivo, que surgirá em breve e que estimamos poderá prolongar-se até 2020-2022.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

Os novos desafios que se colocam a Angola, diversificação da actividade económica, exigem um nível do preço do petróleo bem mais elevado do que o actual. Sem mais receitas em divisas, Angola tem dificuldade em iniciar novos projectos, quer agrícolas quer industriais, pois qualquer um deles até entrar em velocidade cruzeiro vai precisar de importar: matérias-primas, adubos, maquinaria ligeira e outros bens acessórios necessários ao funcionamento dessas empresas. Por outro lado, sabe-se que um dos factores de produção mais importantes em qualquer actividade económica é o custo da energia e, como se sabe, esse desiderato (energia mais barata) ainda está um pouco distante do desejável. Daí que o factor preço do petróleo, neste momento, ainda é para Angola decisivo para alavancar o crescimento económico. O ajustamento entre a oferta e a procura que irá permitir a melhoria do preço está em movimento, mas ainda um pouco longe do desejável. Pensamos que o desinvestimento que se verifica na indústria do petróleo desde o 4º trimestre de 2014 irá ter impactos significativos a partir do 2º semestre de 2017, mas com

maior probabilidade só em 2018. Com este cenário, e apesar de ainda não termos concluído a nossa análise do plano para 2017, parece-nos que o mesmo poderá ser apenas ligeiramente mais optimista que o de 2016.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

Em qualquer economia, desenvolvida ou em desenvolvimento, a banca é um vector fundamental ao desenvolvimento económico e social de uma sociedade, pelo que Angola não é excepção. A banca angolana tem prestado, nos últimos 12 a 15 anos, um apoio decisivo ao crescimento económico e social do país e estamos certos que esse apoio irá continuar a crescer, assim as condições macro-económicas o permitam. Porém, há um aspecto em que a relação banca/empresários terá de evoluir, designadamente na preparação de projectos de investimento sólidos que permitam à banca apoiar, sem que ponham em causa as suas responsabilidades perante a supervisão bancária.

Standard Bank de Angola

Atrair novos clientes, fidelizar os já existentes e prestar um serviço de excelência



António Coutinho

Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

O sucesso do banco não pode ser atribuído a uma acção significativa, mas sim a uma multiplicidade de acções combinadas, que nos ajudaram a superar as dificuldades do mercado.

Uma vez que o nosso principal foco são os clientes, e com o intuito de simplificar a forma como lidamos com as transações no banco, introduzimos um sistema de fluxo de trabalho, com o objectivo de rastrear todas as transações.

Este novo fluxo de trabalho ajudar-nos-á a melhorar a eficiência interna, com benefício para os clientes, com tempos de resposta mais rápidos e maior precisão no manuseamento das transações.

Destacaria também a gestão prudente da nossa liquidez, que garantiu que o banco pudesse honrar as inúmeras solicitações. Ou seja, o pagamento de fornecedores e transferências para importações.

Todas estas acções resultaram num aumento da quota de mercado, lucro e um maior retorno sobre o capital do Banco, prova disso foram também os vários prémios que ganhámos no decorrer dos últimos meses de 2016, nomeadamente: Melhor Provedor de Operações Cambiais em Angola, Melhor Banco de Investimento em Angola e Melhor Provedor de Tesouraria e Gestão de Caixa em Angola, atribuídos pela prestigiada publicação financeira Global Finance.

Estamos igualmente a realizar um investimento na nossa infra-estrutura de IT com o objectivo de melhorar a oferta dos produtos e serviços existentes e responder com maior eficácia às solicitações crescentes dos nossos clientes.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Perante o actual contexto económico e cambial, a nossa estratégia continuará por aumentar a exposição a activos de risco. Contudo, mesmo com uma carteira de crédito reduzida e constituída por activos de baixo risco seleccionados, impactando directamente na liquidez e fundos disponíveis para investimento, como títulos do governo, tivemos como resultado uma maior rentabilidade por parte do Banco. Isto significa que mesmo com a economia em contracção há oportunidades de se fazerem negócios em Angola. E como exemplo disso mesmo, o Standard Bank de Angola tem disponível uma linha de crédito em moeda nacional, equivalente a 100 milhões de dólares norte americanos, para apoiar o processo de crescimento e diversificação da economia angolana. Boas políticas e procedimentos de gestão de risco implementados ao longo dos últimos anos na nossa instituição têm-nos permitido superar e mitigar os riscos que enfrentamos hoje no sector bancário angolano.



Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

O Standard Bank de Angola, até 2017, pretende continuar a assegurar e melhorar o serviço no que concerne à satisfação, necessidades e expectativas dos clientes. Atrair novos clientes e fidelizar os já existentes e prestar um serviço de excelência, fazendo com que nos diferenciemos da concorrência, aumentando deste modo a nossa quota de mercado.

Pretendemos igualmente continuar a investir nos canais digitais, pois são o futuro da banca, pela forma simples, rápida, cómoda e segura com que se realiza um conjunto de operações bancárias.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

O papel da banca é fundamental para o crescimento da economia, pois financiando particulares e empresas com critérios sólidos criam-se oportunidades nos diferentes sectores produtivos.

A banca deve ter também um papel pedagógico importante, pois clientes mais informados conseguem realizar bons negócios e, conseqüentemente, gerar mais riqueza para o país.

A banca e o tecido empresarial do país são duas peças fundamentais para a efectivação do processo de diversificação da economia angolana, como tal, as parcerias estabelecidas deverão ser baseadas na transparência, credibilidade e confiança.

Standard Chartered Bank de Angola

Oportunidade estratégica de concentração na gestão de risco



Miguel Bartolomeu Miguel
Presidente da Comissão Executiva

Nos últimos 12 meses, que principais aspectos gostaria de destacar sobre a actividade e desempenho do Banco que preside?

Quanto à nossa actividade, o banco manteve a sua estratégia inalterada, concentrámo-nos nos nossos clientes habituais, com foco especial naqueles que de facto adicionam valor, proporcionando-lhes um serviço cada vez melhor e com maior qualidade.

Abrimos novas avenidas no que concerne ao nosso esforço constante de diversificação do portfólio de produtos e serviços.

Neste terceiro ano da nossa actividade, o nosso desempenho tem estado acima das expectativas, apesar dos desafios presentes. Acreditamos que o nosso modelo de negócio e o nosso modelo operacional, conjugados com uma gestão rigorosa baseada na optimização dos recursos, contribuiu significativamente para esse desempenho.

Fortalecemos os pilares da nossa actuação no mercado para que 2016 supere mais uma vez as nossas expectativas, mas sempre com o realismo que se impõe.

Qual a estratégia de actuação definida pelo Banco perante os desafios do actual contexto económico e cambial?

Os nossos clientes estão no topo das nossas prioridades e perante uma estratégia de diálogo e comunicação constante temos sido capazes de, juntos, trabalharmos para encontrarmos as soluções.

Temos estado a adaptar o modelo operacional e as fontes de recursos às mudanças impostas pela conjuntura económica e financeira actual.

Por outro lado, o actual contexto económico e financeiro afigura-nos como uma oportunidade estratégica para nos concentrarmos na gestão de risco num ambiente de redução da actividade económica e mudança nas políticas monetária, cambial e orçamental no país. Colocamos em primeiro lugar a gestão de riscos porque acreditamos que não é possível ter um negócio sustentável se não olharmos para os riscos e, acima de tudo, se não se criar um ambiente efectivo de controlo de riscos e mecanismos de mitigação dos mesmos. Gestão de riscos eficiente é a nossa licença para continuar a fazer negócio. Reajustámos certos parâmetros e processos de negócio e reforçámos a nossa capacidade operacional, com base nas iniciativas de digitalização geradoras de maior eficiência e produtividade, para acomodar os desafios da regulamentação e das alterações da situação macroeconómica.

Quais são as principais metas e objectivos do Banco até 2017?

- Manter o *momentum* de 2016 e a trajectória de crescimento moderado, apesar dos actuais constrangimentos macroeconómicos;
- Continuar a apostar na diversificação dos serviços;
- Alargar a gama de clientes tendo em conta o perfil dos mesmos sem colocar em causa o risco de concentração;
- Aumentar os recursos e diversificar a origem de *funding*;
- Reforçar o ambiente e as medidas de controlo interno e de risco.

Qual considera ser o papel da banca na dinamização da economia angolana e na inclusão do tecido empresarial?

A banca tem um papel crucial na dinamização da economia angolana e na inclusão financeira do empresariado. É imprescindível este “casamento”.

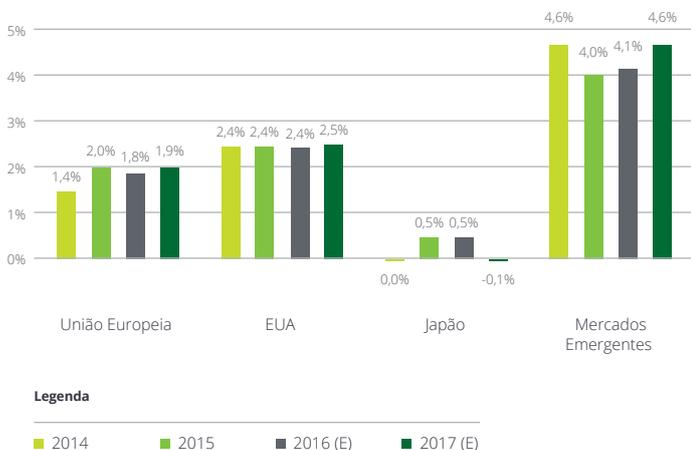
Os grandes negócios desenvolvem-se com a banca e as grandes empresas têm por trás bancos capazes de ajudar e garantir que se financiam os médios e grandes projectos que o país precisa para o seu crescimento, nos variados sectores de actividade.

A banca deve desempenhar um papel de liderança neste processo no que tange aos requisitos aceitáveis para que esta relação seja efectiva.

Todavia, é preciso assegurar que as partes gozam de saúde financeira e de uma gestão sã e prudente, de tal maneira que cada um cumpra com o seu papel. As autoridades de supervisão são aqui chamadas também para fazer a parte que lhes cabe, prevenindo abusos de posição dominante e o incumprimento dos requisitos regulamentares, promovendo a competitividade e a melhoria dos serviços bancários oferecidos aos clientes e ainda estimulando a expansão, para uma maior cobertura e especialização da banca no financiamento do sector produtivo da economia real.

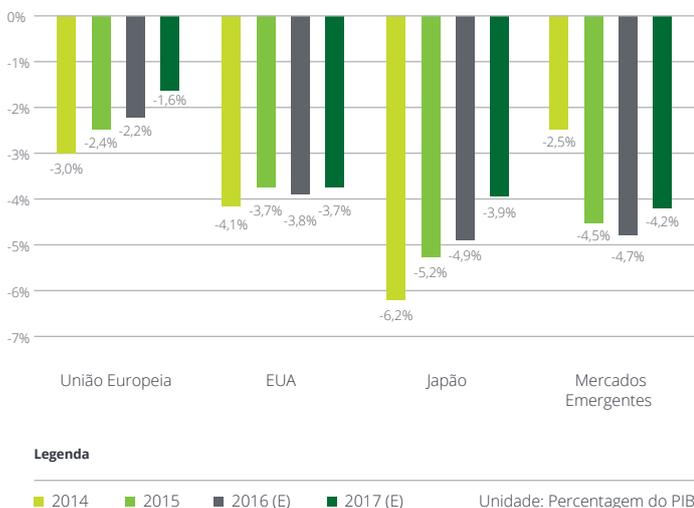
Enquadramento macroeconómico

Evolução do PIB real (2014 - 2017)



Fonte: FMI – World Economic Outlook 2016

Défices Públicos (2014 - 2017)



Fonte: FMI – World Economic Outlook 2016

Introdução

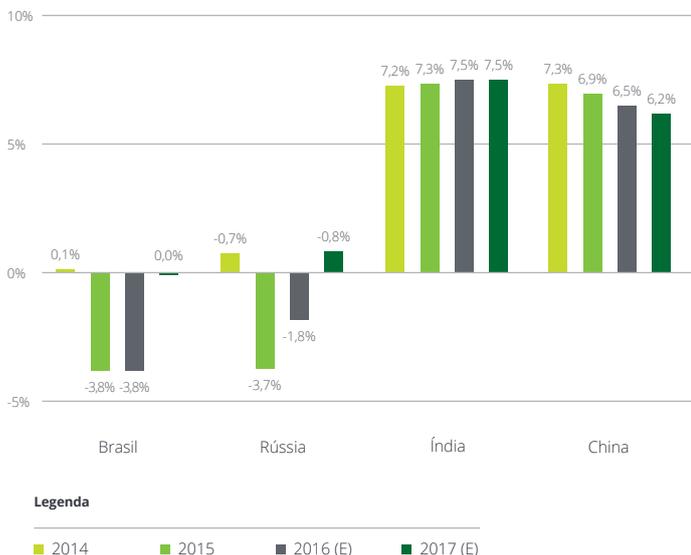
Os actuais níveis de incerteza têm contribuído para um adiamento da retoma da actividade económica mundial. Apesar do crescimento observado nas economias desenvolvidas de referência, registaram-se desequilíbrios nos mercados emergentes, determinados sobretudo pela evolução do mercado petrolífero, que contribuíram para uma desaceleração económica global em 2015. Estima-se que em 2016 o ritmo de crescimento se mantenha, perspectivando-se uma aceleração para 2017 em resultado da retoma dos mercados emergentes.

A economia da União Europeia evidenciou um aumento do crescimento económico tendo atingido 2,0% em 2015. Segundo dados disponibilizados pelo FMI, este ritmo de crescimento será mantido nos próximos dois anos.

Por um lado, o aumento do crescimento face a 2014 é impulsionado pela manutenção de reformas nos mercados de produção de bens e de trabalho que têm contribuído para o aumento da competitividade das empresas, num contexto de baixos preços de energia e de uma alocação mais eficiente de recursos produtivos. Simultaneamente, regista-se uma política fiscal expansionista em alguns países que aumenta a procura interna, promovendo assim um maior estímulo económico dentro da União Europeia.

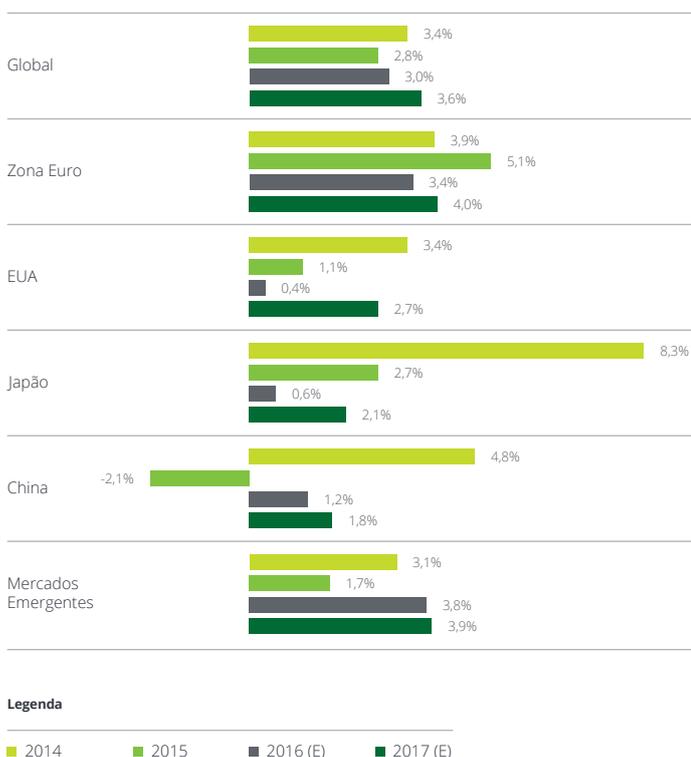
Por outro lado, destacam-se as crescentes tensões geopolíticas na União Europeia justificadas sobretudo pelo fluxo de migrantes e o aumento de ataques de terrorismo. Para além da capacidade de acolhimento dos migrantes no mercado laboral da Zona Euro ser colocada à prova, estes factores contribuem para o aumento do cepticismo relativo à integração económica e política, especialmente após a saída do Reino Unido da União Europeia. Ao longo dos próximos meses já deverá ser possível compreender e dimensionar de forma mais efectiva os impactos reais a médio e longo prazo desta saída. Ao mesmo tempo, regista-se uma tendência de envelhecimento da população e o crescimento reduzido dos factores de produção.

Evolução do PIB real nos BRIC (2014 - 2017)



Fonte: FMI – World Economic Outlook 2016

Comércio Mundial – Evolução de exportações (2014 - 2017)



Fonte: FMI – World Economic Outlook 2016

Nos Estados Unidos da América, perspectiva-se a manutenção do crescimento económico a um ritmo moderado, suportado por um mercado laboral mais eficiente, uma melhoria geral da posição financeira das instituições e pela melhoria do mercado imobiliário. Ao mesmo tempo, a redução dos estímulos económicos realizada pela Reserva Federal em 2015 atesta a robustez da economia norte americana.

No Japão, depois do crescimento nulo em 2014, registou-se um aumento de 0,5% do produto interno bruto em 2015, sendo perspectivada a sua manutenção em 2016, segundo dados disponibilizados pelo FMI. No entanto, o aumento da taxa de imposto ao consumo em dois pontos percentuais contribuirá para uma contracção do produto em 2017.

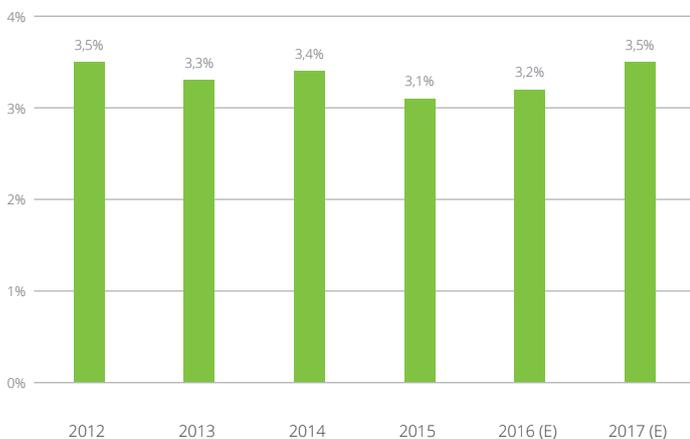
Na China, assiste-se a um processo de transição económica marcado por um crescimento económico mais equilibrado, que contrasta com o crescimento alavancado em investimento e na concessão de crédito registado na última década verificando-se, deste modo, um rebalanceamento económico. Consequentemente, e tendo em conta a sua relevância, o abrandamento do crescimento da economia chinesa influencia os termos de comércio mundial, especialmente ao nível dos canais de comércio e dos preços das mercadorias.

Em 2015 registou-se nas economias desenvolvidas um crescimento económico de 1,9%, que se perspectiva que se mantenha em 2016, segundo dados disponibilizados pelo FMI.

Relativamente às economias emergentes, a evolução registada no mercado petrolífero contribuiu para o registo de desequilíbrios macroeconómicos que resultaram em contracções no investimento e nas importações em 2015.

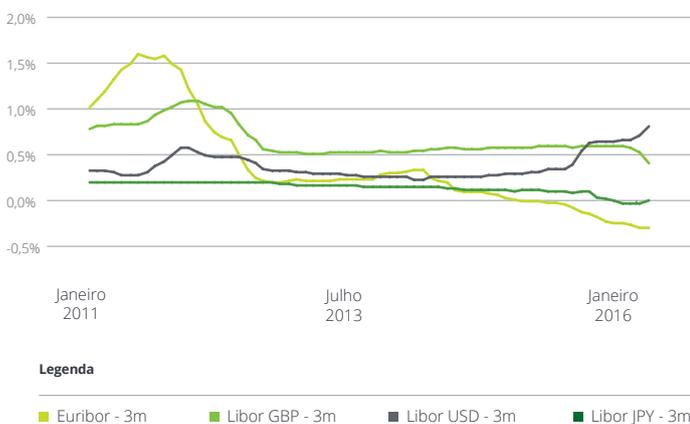
O actual contexto económico reforça a necessidade de aplicação de políticas que salvaguardem o crescimento no curto prazo bem como o aumento do potencial de produção e a gestão de vulnerabilidades existentes.

Evolução do PIB real mundial (2012-2017), total de 189 países



Fonte: FMI – World Economic Outlook 2016

Taxas de juro (2011 - 2016 YTD)



Fonte: BCE, Federal Reserve Economic Data

Principais indicadores macroeconómicos

Produto Interno Bruto

Os desequilíbrios evidenciados nos mercados emergentes influenciaram a evolução do produto interno bruto global que em 2015 registou um crescimento de 3,1%, um valor inferior ao observado em 2014. No entanto, em 2016, perspectiva-se que a economia global retome o seu crescimento, que será ampliado em 2017, acompanhando a evolução positiva dos mercados emergentes e a estabilidade do crescimento das economias desenvolvidas.

Em 2015, a concentração do produto interno mundial aumentou face ao nível observado em 2014, com 5% dos países a representarem 67% do PIB mundial. Em 2016, perspectiva-se que este valor aumente um ponto percentual.

Os Estados Unidos da América, a China, o Japão, a Alemanha e o Reino Unido mantiveram o top 5 da economia mundial em 2015, perspectivando-se a manutenção destas posições em 2016.

Taxas de juro

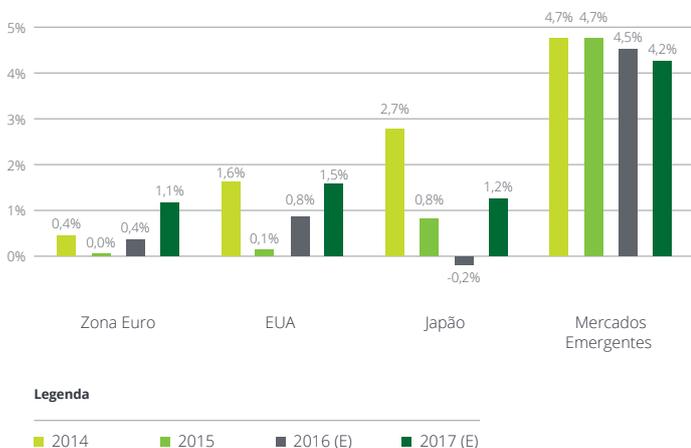
Face ao actual contexto, os principais bancos centrais mundiais têm apresentado políticas monetárias diferenciadas para atenuar as dificuldades sentidas.

Em Março de 2016, o BCE reviu em baixa a taxa de referência, para mínimos históricos, e a taxa de refinanciamento. Para além destas medidas, o BCE também diminuiu a taxa de depósitos e intensificou a compra de activos por mês, que a partir de Junho de 2016 passaram a incluir obrigações de empresas, aumentando assim o estímulo económico para a Zona Euro. Note-se que a Euribor a 3 meses encontra-se em terreno negativo desde Maio de 2015.

Em Dezembro de 2015, a Reserva Federal aumentou a taxa de juro de referência pela primeira vez desde 2009, evidenciado deste modo a recuperação económica observada nos Estados Unidos da América.

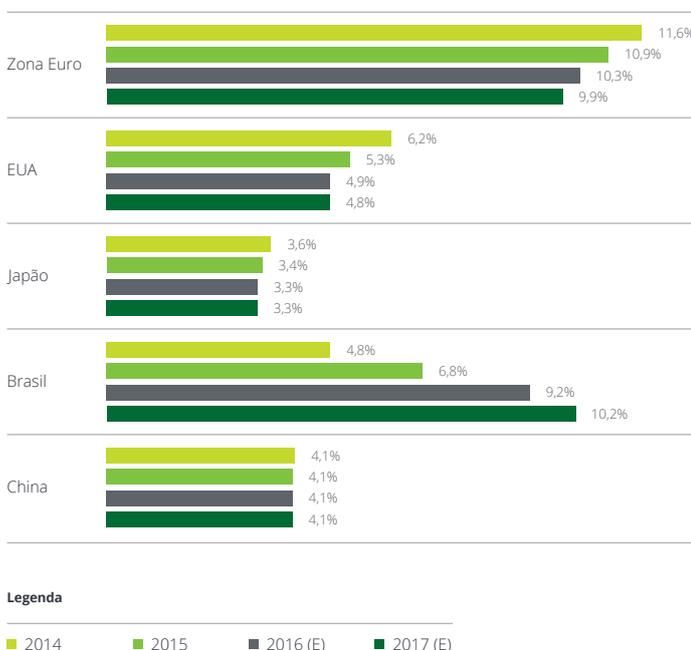
No Japão, a taxa de juro de referência foi revista em baixa, tendo sido introduzida uma taxa de juro negativa no excesso marginal de reservas em Janeiro de 2016, para o estímulo da concessão de crédito, o aumento do consumo privado e a redução de pressões deflacionistas.

Taxa de inflação (2014 - 2017)



Fonte: FMI – World Economic Outlook 2016

Taxa de desemprego (2014 - 2017)



Fonte: FMI – World Economic Outlook 2016

Taxa de inflação

Em 2015 registou-se uma diminuição da taxa de inflação na generalidade das economias desenvolvidas. Este comportamento reflecte o decréscimo dos preços de bens e a dissipação dos efeitos de depreciações cambiais.

Nas economias desenvolvidas, a média da taxa de inflação global foi de 0,3% em 2015, a mais baixa desde a crise financeira. Ainda assim, a taxa de inflação de base¹ manteve-se relativamente estável (1,6%-1,7%), situando-se no entanto, num valor abaixo das estimativas.

Segundo dados disponibilizados pelo FMI, perspectiva-se a redução gradual da taxa de inflação nos mercados emergentes. Esta evolução é condicionada pelo decréscimo dos preços do petróleo e de mercadorias. No entanto, em países como o Brasil e Rússia, as depreciações cambiais mais que compensaram o efeito dos preços baixos das mercadorias, conduzindo a um aumento da taxa de inflação.

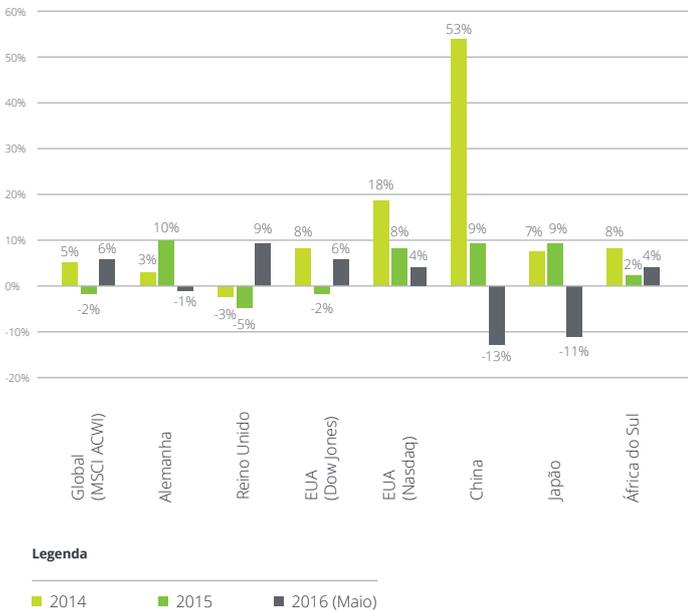
Taxa de desemprego

Em virtude da trajectória de crescimento observada nas economias desenvolvidas de referência, bem como da implementação de reformas do mercado laboral, observou-se uma correcção gradual da taxa de desemprego na Zona Euro, Estados Unidos da América e Japão, que registou em 2015 a taxa de desemprego mais baixa dos últimos 20 anos. Na China registou-se uma manutenção da taxa de desemprego em 2015 e no Brasil um aumento em 2 pontos percentuais. Segundo dados disponibilizados pelo FMI, perspectiva-se a manutenção destes movimentos em 2016 e 2017.

A melhoria evidenciada pelas principais economias desenvolvidas reflecte a implementação de reformas laborais que conduzem ao aumento de eficiência da alocação de recursos produtivos e à correcção da erosão de qualificações associadas ao desemprego de longa duração e ao desemprego jovem.

¹Contrariamente à inflação global, a inflação de base é ajustada à sazonalidade ou a produtos com maior volatilidade dos preços como produtos alimentares ou energia.

Evolução dos mercados accionistas (2014 - 2016 YTD)



Fonte: Bloomberg, MSCI

Obrigações do Tesouro, 10 anos (2007 - 2016 YTD)



Fonte: Bloomberg, MSCI

Mercados financeiros

Depois de em 2014 terem sido observadas taxas de valorização nos principais mercados accionistas mundiais, registou-se em 2015 um abrandamento generalizado, contrariado apenas na Alemanha e Japão. Nos primeiros oito meses de 2016, não se observou uma tendência homogénea nos principais mercados accionistas mundiais, verificando-se no entanto uma desvalorização na Alemanha e nas praças asiáticas de maior capitalização bolsista.

O comportamento global foi captado pelo *MSCI All Country World Index*, um índice compósito constituído por empresas de 23 países desenvolvidos e 23 países em desenvolvimento. Embora tenha registado uma valorização de 5% em 2014, este índice abrandou em 2015 tendo, contudo, evidenciado uma recuperação nos primeiros cinco meses de 2016.

A evolução do mercado accionista é acompanhada pela manutenção da redução das taxas de juro associadas às obrigações de tesouro das principais zonas económicas de referência, sendo de destacar a entrada em terreno negativo na Alemanha e no Japão nos primeiros seis meses de 2016.

Estes desenvolvimentos reflectem os receios sentidos nos mercados financeiros relativos à persistência do abrandamento do crescimento global bem como ao enquadramento das economias de referência num contexto marcado por elevados níveis de endividamento e baixa inflação.

Preço do Petróleo (2011 - 2016 YTD)



Fonte: US Energy Information Administration

Procura e Oferta de Petróleo Mundiais, média móvel de 1 ano (2013 - 2016 YTD)



Fonte: International Energy Agency

Petróleo

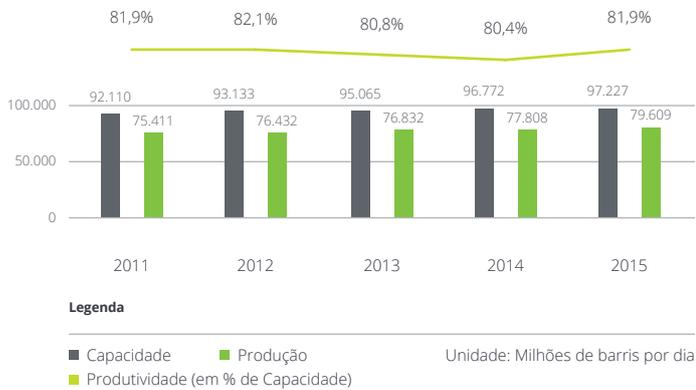
A evolução do preço do petróleo registou, a partir de Junho de 2014 uma descida que contribuiu para uma alteração do enquadramento macroeconómico mundial e o registo de desequilíbrios nas economias exportadoras deste bem. Os preços do petróleo diminuíram aproximadamente 50% em 2015 face ao período homólogo. Este decréscimo teve subjacente a ocorrência de um aumento da oferta de petróleo, uma menor procura e uma melhoria gradual da eficiência energética.

A diminuição do preço do petróleo manteve-se, embora a um ritmo mais lento do observado em 2014, até Janeiro de 2016, onde se começou a registar um aumento gradual do preço do petróleo. Esta evolução foi determinada por reduções não esperadas na produção observadas na Nigéria, para mínimos de 20 anos, bem como noutros países da OPEP, Canadá, Estados Unidos e China. Simultaneamente, foram registados alguns movimentos especulativos de compra de petróleo no início de 2016 por parte de entidades financeiras que contribuíram igualmente para o aumento do preço deste bem.

Complementarmente, a evolução do preço do petróleo é determinada pelo comportamento das curvas de procura e oferta de petróleo mundiais sendo visível um ligeiro estreitamento entre as curvas de procura e oferta no primeiro trimestre de 2016, período em que se começou a registar o aumento do preço do petróleo.

Do mesmo modo, a evolução dos preços no mercado de futuros pressupõe um aumento gradual do preço de petróleo a partir de 2017.

Capacidade e Produtividade das Refinarias Mundiais (2010 - 2015)



Fonte: BP – Statistical Review of World Energy 2016

Em 2015 registou-se o aumento da capacidade produtiva e da produção em refinarias a nível global. Destaca-se, no entanto, um maior aumento da produção face à evolução da capacidade. Deste modo, assistiu-se, pela primeira vez nos últimos três anos, ao aumento da produtividade.

Segmentando a produtividade por diversas regiões geográficas, regista-se que a região mais eficiente em 2015 é a América do Norte, onde a produção atinge 87% da capacidade, apresentando uma diminuição de 1 ponto percentual face ao valor registado em 2014. Em sentido inverso, a produtividade situou-se nos 58% em África, um valor inferior em 5 pontos percentuais face ao período homólogo.

Enquadramento económico angolano

Evolução do PIB real (2011 - 2016)



Legenda

■ PIB (mil milhões AKZ) ■ PIB per capita (em AKZ)

Fonte: FMI – World Economic Outlook 2016

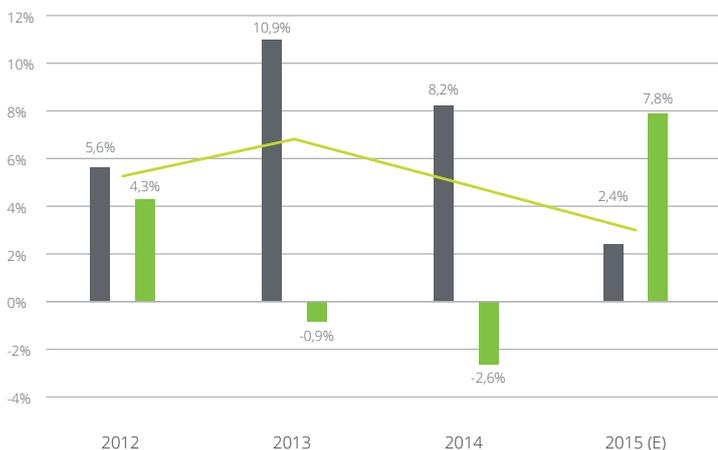
Introdução

Apesar de se ter verificado em 2015 um crescimento inferior ao observado em anos anteriores, Angola registou um aumento do seu produto interno bruto, o que pode não se verificar em 2016, segundo dados disponibilizados pelo FMI.

O abrandamento económico em 2015 reflecte o impacto da quebra do preço do petróleo na economia angolana, ainda com um assinalável grau de dependência da actividade petrolífera, que resultou num decréscimo das receitas fiscais e consequentemente na redução do investimento e da procura interna. Complementarmente, verificou-se a desaceleração do crescimento na China, o principal parceiro comercial de Angola, que conduziu a um agravamento da balança comercial.

Como forma de resposta a esta alteração de contexto macroeconómico, o Banco Nacional de Angola manteve a sua política de desvalorização cambial em 2015 procurando o aumento da competitividade nacional. Esta política monetária contribuiu para um aumento da taxa de inflação.

Evolução do PIB real petrolífero e não petrolífero (2012 - 2015)



Legenda

■ Sector não petrolífero ■ Sector petrolífero ■ PIB

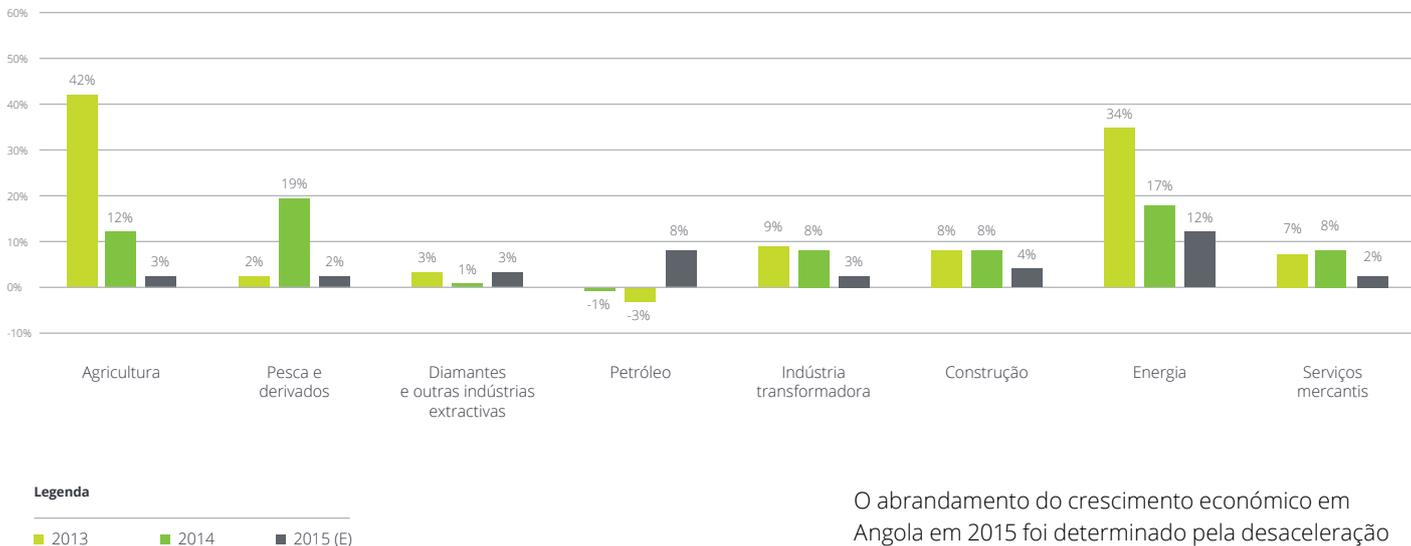
Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2016

Principais indicadores macroeconómicos

Produto Interno Bruto

A economia angolana registou em 2015 um abrandamento na evolução do PIB, apesar do crescimento do sector petrolífero, fruto de uma maior eficiência produtiva e da realização de novos projectos.

Evolução do PIB por sectores de actividade (2013 - 2015)

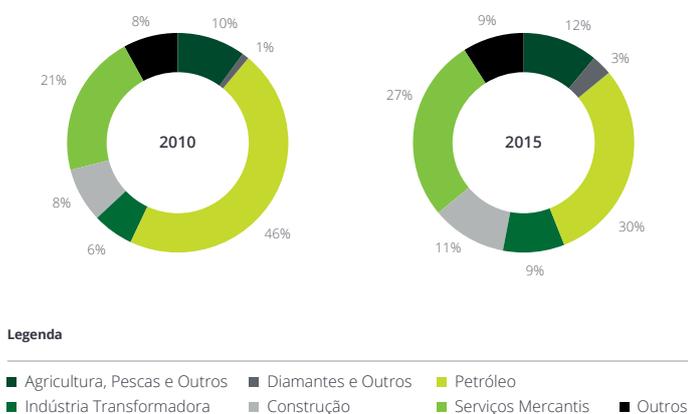


Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2016

O abrandamento do crescimento económico em Angola em 2015 foi determinado pela desaceleração observada nos sectores não petrolíferos. Deste modo, destaca-se a redução do ritmo de crescimento do produto interno bruto em praticamente todos os sectores não petrolíferos, à excepção do sector de energia que apresenta um ritmo interessante (12%).

O decréscimo do consumo privado e investimento público, a escassez de divisas, a falta de bens, a dificuldade na obtenção de crédito bancário e o excesso de burocracia contribuíram para a deterioração do enquadramento económico não permitindo a dinamização do sector não petrolífero.

Estrutura da economia (2010 - 2015)



Fonte: Relatório e Contas BNA 2011 e 2014, Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2016

Estrutura da economia

Embora ainda represente um dos pilares para a sustentabilidade do crescimento em Angola, o processo de diversificação da actividade económica é uma realidade.

Este rebalanceamento económico tem provocado oscilações no contributo do sector petrolífero na estrutura da economia, assistindo-se à sua redução nos últimos cinco anos.

Ainda assim, devem ser promovidas reformas estruturais que promovam uma maior diversificação, permitindo, deste modo, a redução da exposição a um mercado petrolífero volátil.

Taxa de inflação homóloga de Angola (2008 - 2017)



Fonte: FMI – World Economic Outlook 2016

Taxa de câmbio (2009 - 2016 YTD)



Fonte: BNA

Taxa de inflação

Em sentido inverso ao observado nos últimos anos, registou-se em 2015 um aumento da taxa de inflação para 14,3%. Segundo dados disponibilizados pelo FMI, perspectiva-se um novo aumento da taxa de inflação em 2016, que será acompanhado por uma redução em 2017.

O aumento da taxa de inflação é essencialmente explicado pela desvalorização do Kwanza. Complementarmente, registou-se o aumento da taxa de imposto sobre o consumo e sobre alguns bens importados bem como a redução da subsídição de combustíveis, o aumento do preço do gás doméstico e o aumento das tarifas da electricidade e do fornecimento de água potável em algumas cidades. Estes factores contribuíram para a evolução da taxa de inflação para a casa dos dois dígitos em 2015.

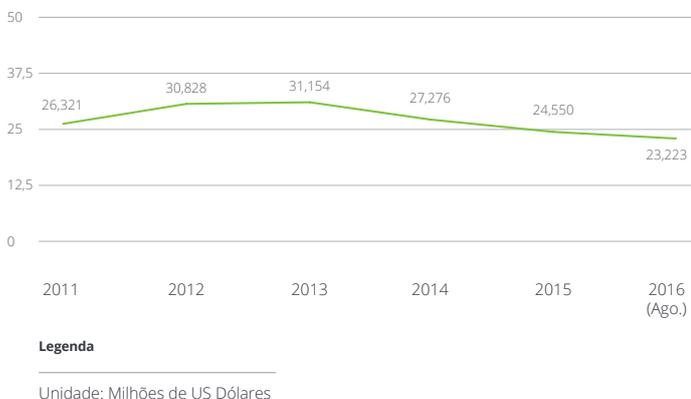
A evolução do contexto económico em Angola contribuirá para a manutenção de pressões inflacionistas em 2016 e 2017

Taxa de câmbio

Apesar de se ter mantido a tendência de desvalorização cambial observada nos últimos anos, o ritmo de desvalorização foi mais acentuado em 2015. No mesmo sentido, registou-se nos primeiros oito meses de 2016, um nível mínimo histórico da taxa oficial do Kwanza face ao Dólar.

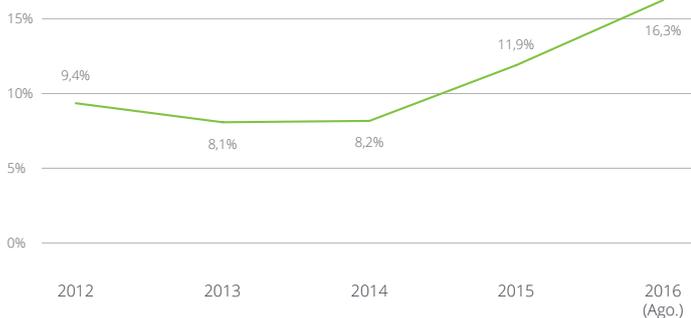
Ainda assim, o intervalo entre o mercado oficial e o mercado paralelo manteve-se amplo, sendo perspectivada a sua manutenção em 2017. A capacidade do BNA de suportar o Kwanza através de intervenções no mercado dependerá do nível de reservas internacionais disponíveis.

Reservas internacionais líquidas (2011 - 2016 YTD)



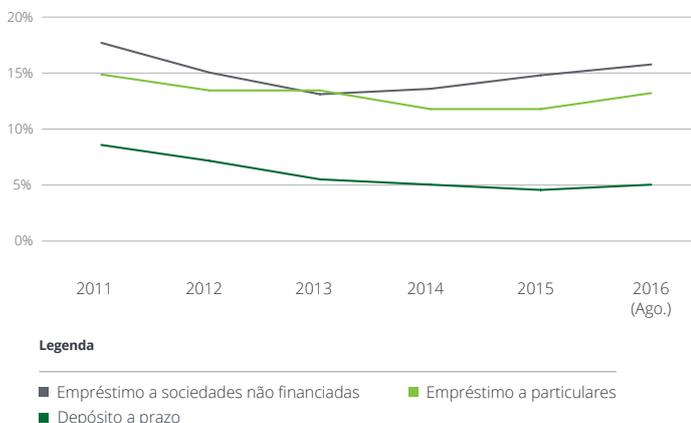
Fonte: FMI – World Economic Outlook 2016

Taxa LUIBOR a 3 meses (2012 - 2016 YTD)



Fonte: BNA

Taxa de Juro (2011 - 2016 YTD)



Fonte: BNA

Reservas internacionais líquidas

Prosseguindo a tendência observada desde Setembro de 2013, as reservas internacionais líquidas têm vindo a diminuir mantendo um percurso descendente até 2015. Nos primeiros oito meses de 2016 registou-se a manutenção desta tendência que, segundo dados disponibilizados pelo Economist Intelligence Unit, é perspectivada que se mantenha devido às pressões geradas pelo período prolongado de baixos preços de petróleo.

Por forma a mitigar a escassez de divisas estrangeiras, o governo implementou um conjunto de medidas que permitiram a manutenção favorável das reservas externas em níveis mínimos de 6 meses de importação. Neste sentido, assistiu-se à alteração das reservas obrigatórias em moeda nacional e à criação obrigatória de contas cativas em Kwanzas nos bancos comerciais domiciliados no BNA. Complementarmente, foram também introduzidos critérios de prioridade no acesso a divisas, registou-se a alteração das regras operacionais das casas de câmbio e adoptaram-se medidas de carácter restritivo como a redução da quantidade máxima permitida de moeda transportada para o exterior do país.

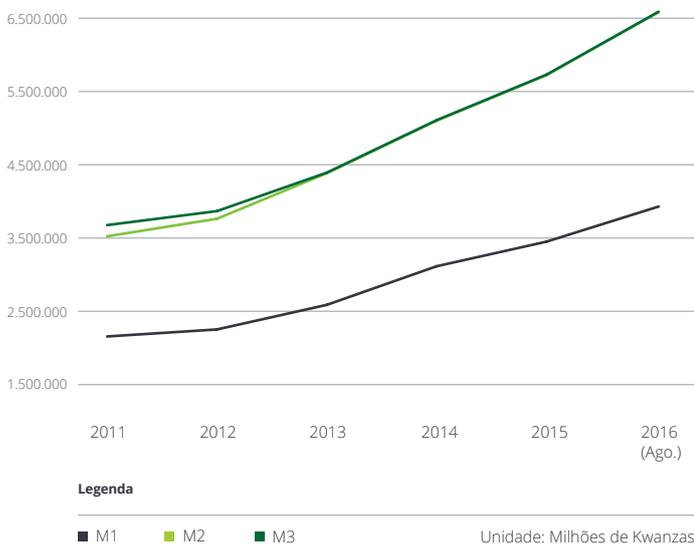
Taxas de juro

De forma a incentivar a poupança e retrain o consumo, o BNA tem vindo a aumentar a taxa BNA (taxa de referência em Angola). Subsequentemente, observaram-se também aumentos na taxa de cedência de liquidez dos bancos.

Este tipo de instrumentos tem um papel determinante na formação das taxas de juro do mercado monetário interbancário. Como consequência, verificou-se um aumento da taxa LUIBOR em 2015. Esta também foi acompanhada pela redução das operações no mercado interbancário.

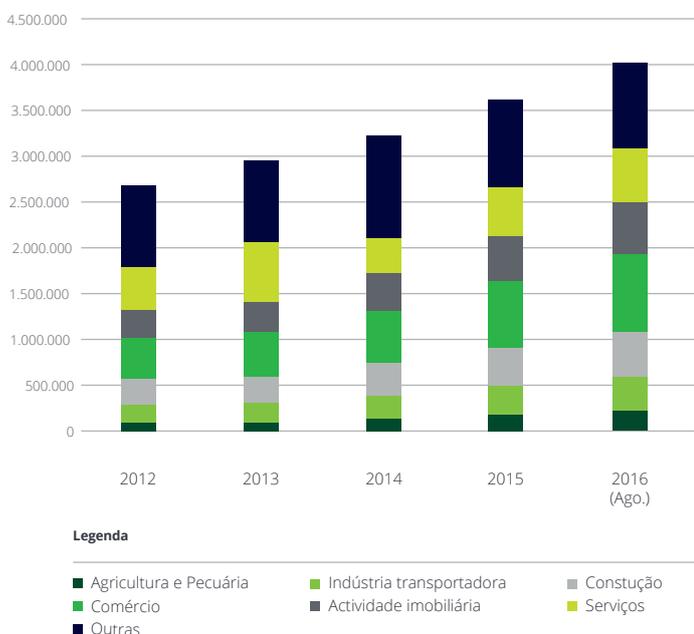
Em 2015, observou-se uma ligeira subida da taxa de juro de empréstimos a sociedades não financeiras. Por sua vez, as taxas de juro de empréstimos a particulares e dos depósitos a prazo mantiveram-se relativamente estáveis.

Massa Monetária (2011 - 2016 YTD)



Fonte: BNA

Crédito à economia por sector de actividade (2012 - 2016 YTD)



Fonte: BNA

Massa Monetária¹

A tendência de aumento da massa monetária manteve-se em 2015, tendo sido observado um aumento de 12% face ao valor registado em 2014. A variação por agregados monetários registou relativa homogeneidade com uma variação de 10% no agregado M1 e 12% nos agregados M2 e M3.

Crédito à economia por sector de actividade

De acordo com a informação disponibilizada pelo BNA, em 2015, verificou-se um crescimento de 12% do crédito à economia face a 2014. Destaca-se ainda que nos primeiros 8 meses de 2016, registou-se um aumento de 12% do crédito concedido à economia, um valor igual à variação registada em 2015.

O sector do comércio foi a rúbrica com maior expressão em 2015, tendo registado um peso de 20% no total dos empréstimos concedidos. Ainda assim, o sector que registou um maior aumento na concessão de créditos em 2015 foi o sector dos serviços, com um aumento de 35% face a 2014.

¹ A Massa Monetária é composta por M1, M2 e M3:

M1 (Moeda): compreende as notas e moedas em poder do público, mais os depósitos à ordem de empresas, de particulares e do governo local, em moeda nacional e moeda estrangeira.

M2 (Moeda + quase Moeda): M1 + os depósitos a prazo das empresas e de particulares, em moeda nacional e estrangeira, mais outras obrigações em moeda estrangeira de empresas e particulares.

M3 (Meios de Pagamento): M2 + Outros Instrumentos Financeiros, representados pelos títulos do banco central em poder de entidades privadas, mais os Empréstimos e Acordos de Recompra, quer em moeda nacional quer em moeda estrangeira, dos particulares e das empresas não financeiras privadas.

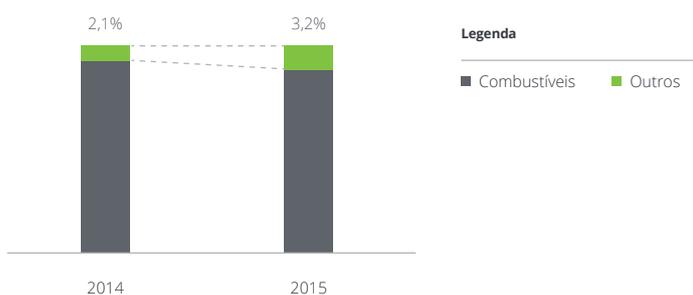
Balança Comercial (2012-2015)



Legenda
 ■ Importação ■ Exportação
 ■ Taxa de Cobertura
 Unidade: Milhões de Kwanzas

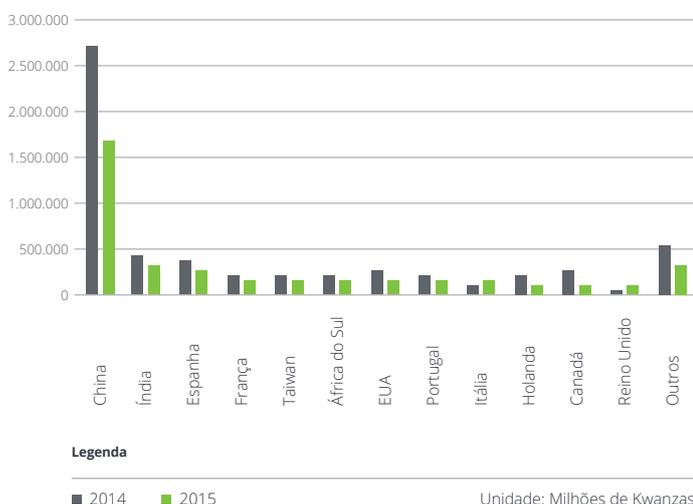
Fonte: INE – Anuário Estatístico do Comércio Externo 2013 e 2015

Exportações por Grupos de Produtos (2014 - 2015)



Fonte: International Energy Agency

Exportações por Principais Parceiros (2014 - 2015)



Fonte: INE – Anuário Estatístico do Comércio Externo 2015

Balança Comercial

Não obstante a manutenção de um saldo positivo da balança comercial em aproximadamente 1.943 mil milhões de Kwanzas, a evolução das exportações e importações registou um decréscimo em 2015. Em resultado de uma diminuição de 32% nas exportações e 29% nas importações, a taxa de cobertura diminuiu cerca de 7 pontos percentuais em 2015, situando-se em 198%.

Dado o peso do sector petrolífero no produto interno bancário, os produtos exportados são predominantemente combustíveis e derivados.

As exportações deste produto combustíveis representaram 97% do total de exportações em 2015, um ponto percentual abaixo do registado no ano transacto.

Ao nível das importações, os principais bens transaccionados em 2015 foram máquinas equipamentos e aparelhos (28%), metais comuns (13%) e bens agrícolas (10%).

Relativamente ao destino ou origem das transacções, regista-se um elevado grau de exposição ao mercado chinês. A China é o principal parceiro comercial de Angola, cobrindo 43% das exportações em 2015. Quanto às importações, estas são mais diversificadas, sendo China (17%) e Portugal (14%) os países de onde provieram mais produtos, tal como se sucedeu em 2014.

Considerações finais e perspectivas futuras

O ano de 2015 revelou-se desafiante. Os preços baixos do petróleo têm afectado o contexto macroeconómico angolano, contribuindo para a desvalorização da moeda e o conseqüente aumento da taxa de inflação. Simultaneamente, verifica-se uma diminuição do poder de compra, bem como dificuldades no acesso a alguns produtos.

Do mesmo modo, a alteração do enquadramento macroeconómico tem promovido a implementação de políticas económicas mais restritivas, necessárias para garantir um crescimento económico sustentável.

No entanto, segundo a Moody's, o executivo angolano foi suficientemente rápido a adaptar-se a esta alteração de contexto, diminuindo a despesa para assegurar a sustentabilidade do défice público nos próximos anos. Complementarmente, e não obstante a deterioração económica causada pelos desequilíbrios do mercado petrolífero mundial, registou-se a manutenção da cobertura de reservas a um nível de 6 meses de importações. Do mesmo modo, a diversificação da economia tem sido igualmente uma realidade do executivo, assistindo-se a um aumento do crédito concedido aos diversos sectores da economia.

Simultaneamente, destaca-se também a estreia de Angola no mercado de Eurobonds, tendo sido emitida uma Eurobond no valor de 1,5 mil milhões de dólares, a 10 anos.

Em 2015, registou-se também um dinamismo no tecido empresarial nacional com destaque para a actividade da Angola LNG, que tem uma capacidade de produção anual de 5,2 milhões de toneladas de gás natural liquefeito bem como a aquisição de uma nova frota de aviões que permitirá à TAAG a captação de novos clientes e conseqüentemente um ganho na quota de mercado.

Para que reforce o seu percurso ascendente, a economia angolana necessitará de continuar a assegurar a diversificação da actividade económica, desenvolver o dinamismo do sector privado, melhorar as relações com o exterior e fortalecer o sector de serviços financeiros. Neste sentido, a melhoria do capital humano, o aumento de regulamentação eficaz, a melhoria no fornecimento de energia, o combate à corrupção e a aprovação de mais projectos de investimento privados assumem--se como as principais ferramentas para o estímulo económico nacional.

Permane o diálogo entre o Executivo e o FMI e, complementarmente, perspectiva-se igualmente que Angola procure financiamento junto da China e de outras instituições financeiras da Europa ocidental, assim como empréstimos com condições especiais do Banco Africano de Desenvolvimento.

Estudo da Banca em Análise 2016

Figura 1 – Bancos em actividade em 2015

Sigla	Nome	Ano de Início de actividade
BPC	Banco de Poupança e Crédito	1976
BCI	Banco de Comércio e Indústria	1991
BCGA	Banco Caixa Geral de Angola*	1993
BFA	Banco de Fomento Angola	1993
BMA	Banco Millennium Angola**	1993
BAI	Banco Angolano de Investimentos	1997
BCA	Banco Comercial Angolano	1999
SOL	Banco Sol	2001
BE	Banco Económico	2002
BRK	Banco Regional do Keve	2003
BMF	Banco BAI Microfinanças	2004
BIC	Banco BIC	2005
BNI	Banco de Negócios Internacional	2006
BPA	Banco Privado Atlântico**	2006
BDA	Banco de Desenvolvimento de Angola	2007
BANC	Banco Angolano de Negócios e Comércio	2007
VTB	Banco VTB – África	2008
FNB	Finibanco Angola	2008
BKI	Banco Kwanza Investimento	2010
BCH	Banco Comercial do Huambo	2010
SBA	Standard Bank de Angola	2010
BVB	Banco Valor	2014
SCBA	Standard Chartered Bank de Angola	2015
YETU	Banco YETU	2015
BIR	Banco de Investimento Rural	2015
BPG	Banco Prestígio	2015
BCS	Credisul – Banco de Crédito do Sul	2015
BPAN	Banco Pungo Andongo	2015

* Anteriormente denominado de Banco Caixa Geral Totta Angola

** Em 2016, o Banco Millennium Angola e o Banco Privado Atlântico fundiram-se, dando origem ao Banco Millennium Atlântico.

Fonte: BNA-Lista de instituições autorizadas

Figura 2 – Bancos sem actividade iniciada

Nome
Ecobank de Angola*
Banco Postal, S.A.**
Banco da China - Sucursal em Luanda**

* Ainda não iniciou a sua actividade

** Aguarda registo e início de actividade

Fonte: BNA-Lista de instituições autorizadas

Bases de Preparação do Estudo

A análise do sector financeiro resulta da compilação da informação pública disponibilizada pelos Bancos que actuam no mercado angolano e pelo Banco Nacional de Angola (BNA). Para efeitos de comparação, foram também recolhidos alguns dados referentes a outros mercados, nomeadamente o português, norte americano, sul-africano e nigeriano.

Os valores agregados, salvo quando expressamente mencionado, resultam da informação do sistema bancário Angolano disponibilizada pelo Banco Nacional de Angola.

O presente estudo inclui informação dos Bancos a operar em Angola durante o ano de 2015, com a excepção do Banco Económico e Banco BAI Micro Finanças, devido à indisponibilidade da informação das respectivas Demonstrações Financeiras, e do Banco Kwanza Investimento, por este considerar que a actividade que tem desenvolvido não é comparável com aquela praticada pelos restantes operadores do mercado. Contudo, foram considerados os volumes destes Bancos na apresentação da informação consolidada do sector, mediante a informação agregada do sistema bancário disponibilizada pelo BNA.

Os Bancos a operar em Angola em 2015 eram os constantes na Figura 1. Adicionalmente, na Figura 2 constam os Bancos já autorizados pelo BNA a operar em Angola, mas sem actividade iniciada.

Introdução

2015 foi um ano marcado pelo contexto macroeconómico adverso para as economias produtoras de petróleo, tais como Angola, tendo criado grandes desafios às instituições financeiras nacionais. Depois de vários anos em que se registou uma estabilização do nível geral dos preços, a queda do preço do petróleo e a perda gradual de valor do kwanza face ao dólar levou a que a taxa de inflação voltasse a subir, chegando em Dezembro de 2015 aos 14,27%¹.

Face a este contexto, o BNA adoptou uma política monetária mais restritiva, introduzindo medidas para controlar a concessão de crédito e controlar a subida dos preços e estabeleceu um conjunto de medidas para garantir um nível adequado de reservas mínimas obrigatórias. Neste âmbito, o coeficiente de Reservas Obrigatórias em moeda nacional foi fixado em 25% e foi criado um novo critério de Reservas Obrigatórias em moeda estrangeira, o que aumentou a procura por Obrigações do Tesouro.

Por outro lado, o BNA continuou a dar prioridade ao processo de implementação da IAS/IFRS como forma de aumentar a comparabilidade internacional das contas das instituições financeiras. Simultaneamente, no sentido de aumentar a transparência e confiança no sistema financeiro angolano, foi publicada em Dezembro a Directiva n.º 2/DRO/DSI/15, um guia para a prevenção contra o branqueamento de capitais e combate ao financiamento do terrorismo.

Importa ainda salientar que, em Junho, entrou em vigor o Subsistema de Compensação de Cheques, que permite que esta compensação seja realizada electronicamente.

Meios Electrónicos de Pagamento

Em 2015, a utilização de Meios Electrónicos de Pagamento no mercado nacional manteve a tendência crescente. O número de Cartões Multicaixa Vivos² aumentou de 3.165.008 em 2014 para 3.420.826 em 2015, e os Cartões Válidos³ aumentaram para 4.736.245 comparativamente a 4.687.951 em 2014.

No que concerne à Rede de Terminais, o número de Caixas Automáticas (ATM) e Terminais de Pagamento Automático (TPA) registaram um crescimento de 6% e 31%, respectivamente. O número de ATM aumentou de 2.627 em 2014 para 2.776 em 2015 e o número de TPA cresceu para 61.496 terminais em 2015 face a 47.076 em 2014.

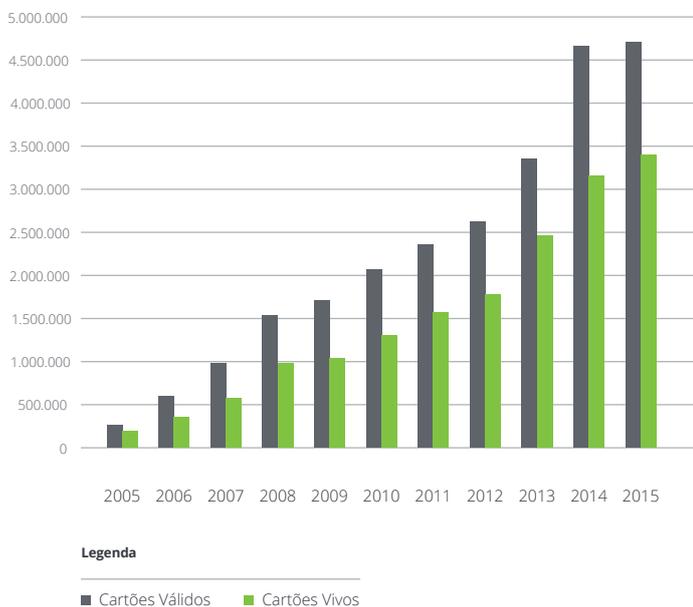
Relativamente ao número de transacções, em 2015 registou-se um crescimento global de 25% face a 2014, sendo que as transacções realizadas em ATM cresceram 20% e as transacções efectuadas em TPA cresceram quase 45%.

¹ Fonte: INE

² Cartões vivos: cartões que apresentem pelo menos uma utilização.

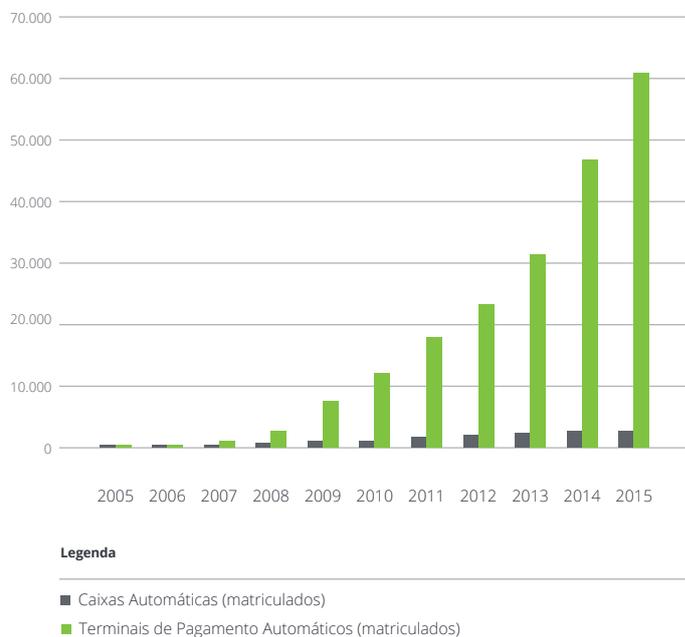
³ Cartões válidos: cartões emitidos que estão dentro do prazo de validade.

Figura 3 – Cartões Multicaixa



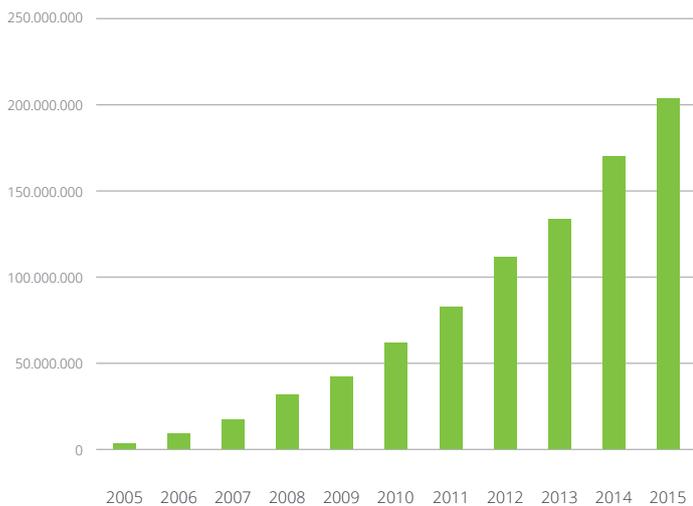
Fonte: Empresa Interbancária de Serviços

Figura 4 – Rede de Terminais



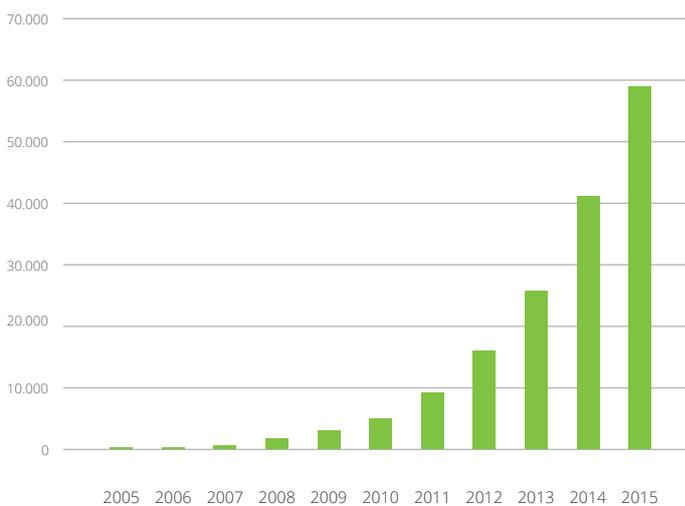
Fonte: Empresa Interbancária de Serviços

Figura 5 – Transacções de ATM



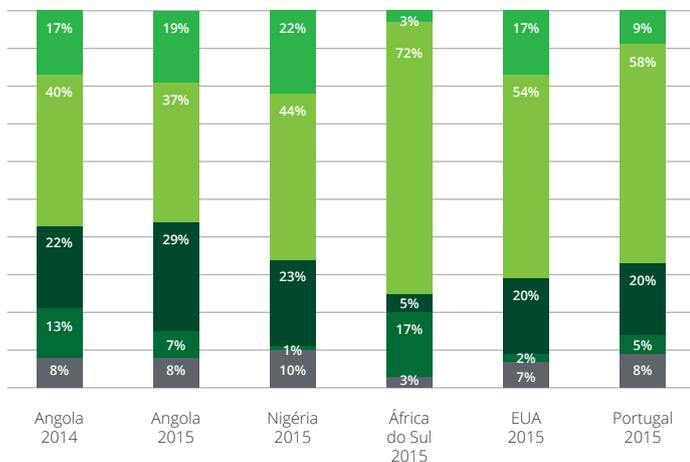
Fonte: Empresa Interbancária de Serviços

Figura 6 – Transacções de TPA



Fonte: Empresa Interbancária de Serviços

Figura 7 – Estrutura de Activos



Legenda

- Caixa e disponibilidades
- Crédito sobre clientes
- Títulos e valores mobiliários
- Outros activos remunerados
- Outros valores

Fonte: Bancos Centrais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

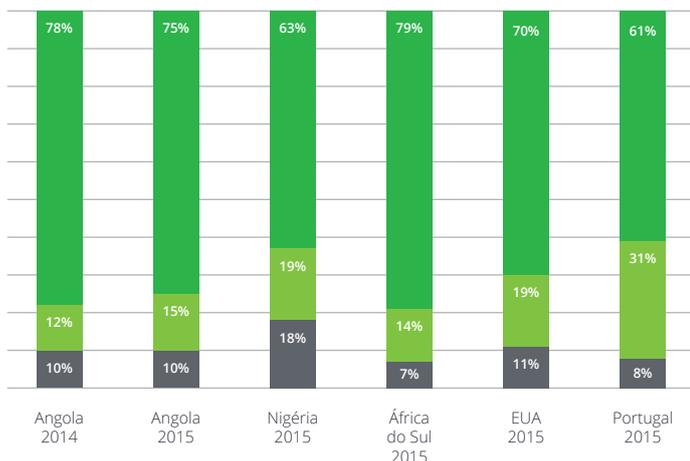
Estrutura de Activos Consolidada

Com base nas Demonstrações Financeiras disponíveis dos Bancos alvo deste Estudo, o peso do crédito sobre clientes na estrutura global de activos em 2015 foi de 37%, baixando em relação a 2014. Adicionalmente, continua a verificar-se que o peso do crédito na estrutura global de activos fica aquém de valores registados em mercados mais maduros como a África do Sul ou os Estados Unidos da América.

Relativamente às restantes componentes, importa salientar que se registou um aumento de 7 p.p. no peso da rubrica títulos e valores mobiliários na estrutura global de activos.

Na estrutura de *funding* do activo as alterações foram pouco significativas, tendo-se verificado uma ligeira redução do peso dos depósitos de clientes, de 78% para 75%.

Figura 8 – Estrutura de Funding

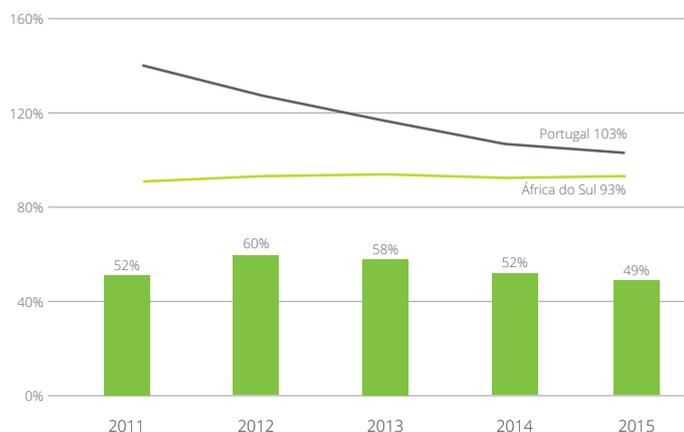


Legenda

- Depósitos de clientes
- Outros passivos
- Fundos próprios

Fonte: Bancos Centrais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

Figura 9 – Crédito Líquido sobre Depósitos



Fonte: Bancos Centrais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

Figura 10 – Total de Activos

2015			2014		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BPC	1 339 620	1	BPC	1 205 243
2	BFA	1 229 579	2	BAI	1 101 072
3	BAI	1 097 612	3	BFA	1 073 056
4	BIC	977 609	4	BIC	835 923
5	BPA	514 339	5	BPA	375 306
6	BMA	342 914	6	BDA	285 641
7	SOL	327 719	7	SOL	270 943
8	BCGA	317 385	8	BMA	244 669
9	BDA	301 826	9	BCGTA	230 247
10	SBA	298 412	10	SBA	203 368
11	BNI	234 296	11	BNI	202 093
12	BRK	130 777	12	BRK	117 359
13	BCI	127 359	13	BCI	106 812
14	FNB	83 285	14	FNB	76 144
15	BCA	46 845	15	BCA	30 925
16	BANC	39 105	16	BANC	28 807
17	SCBA	23 863	17	BVB	11 646
18	VTB	23 203	18	VTB	11 549
19	BVB	22 911	19	SCBA	10 722
20	BCH	12 477	20	BCH	6 126
21	BPG	9 666			
22	YETU	4 824			
23	BCS	3 213			
24	BPAN	2 396			
25	BIR	1 469			

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em Milhões de AKZ)

Crédito Líquido sobre Depósitos

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos em análise, apesar do aumento do crédito líquido em 2015, este não foi superior ao crescimento dos depósitos, o que levou a uma redução do rácio de transformação entre 2014 e 2015, em que assumiu os valores de 52% e 49%, respectivamente.

Activos Totais

O valor total dos activos das instituições financeiras em análise foi de cerca de 7.512.700 milhões de AKZ.

Na posição relativa entre os cinco maiores Bancos do mercado angolano, o BPC continua a liderar a lista com um activo total de 1.339.620 milhões de AKZ, seguido pelo BFA, BAI, BIC e BPA. Os cinco maiores Bancos representam 69% do total do activo dos Bancos em estudo e o seu activo registou um aumento de 12% face ao ano anterior.

Figura 11 – Estrutura de Depósitos por Moeda



Legenda
 ■ Moeda Nacional ■ Moeda Estrangeira

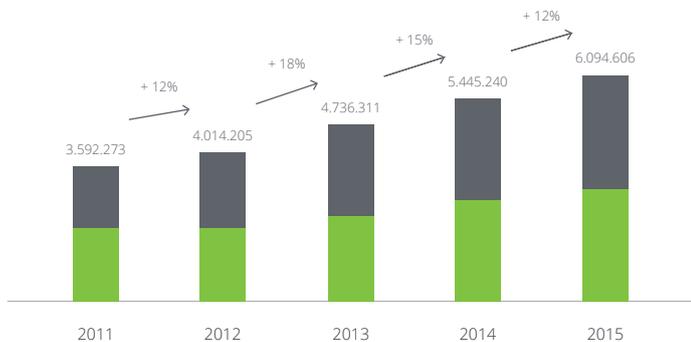
Fonte: Agregados BNA

Depósitos de Clientes

Visão Agregada

De acordo com dados do BNA, o peso dos depósitos em moeda nacional manteve a sua tendência de crescimento em detrimento da moeda estrangeira, passando a representar 69% dos depósitos totais.

Figura 12 – Volume dos Depósito dos Clientes



Legenda
 ■ Depósitos à ordem ■ Depósitos a prazo
 Unidade: Milhões de AKZ

Fonte: Agregados BNA

De acordo com a informação disponibilizada pelo BNA, o valor total dos depósitos de clientes no sector bancário nacional era cerca de 6.094.606 milhões de AKZ no final de 2015, o que representa um crescimento de 12% face a 2014.

Figura 13 – Depósitos de Clientes

2015			2014		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	1 017 160	1	BAI	950 917
2	BAI	938 494	2	BFA	933 049
3	BPC	911 365	3	BPC	871 899
4	BIC	741 627	4	BIC	685 388
5	BPA	385 898	5	BPA	291 779
6	SOL	277 052	6	SOL	236 280
7	SBA	275 781	7	SBA	187 807
8	BMA	249 111	8	BMA	180 900
9	BCGA	236 953	9	BCGTA	179 764
10	BNI	154 219	10	BNI	155 344
11	BRK	96 997	11	BRK	99 052
12	BCI	96 421	12	BCI	77 011
13	FNB	61 005	13	FNB	59 003
14	BCA	36 758	14	BCA	22 587
15	SCBA	20 361	15	BANC	14 385
16	BVB	19 201	16	BVB	8 060
17	BANC	19 165	17	VTB	5 668
18	VTB	16 064	18	SCBA	5 509
19	BCH	6 883	19	BCH	3 330
20	BPG	6 113			
21	YETU	1 306			
22	BCS	1 074			
23	BIR	299			
24	BPAN	6			

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em Milhões de AKZ)

Posição Relativa dos Bancos

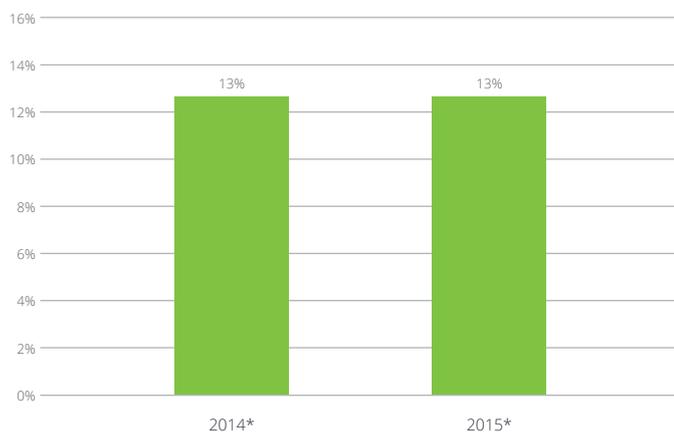
No que respeita aos depósitos, a posição relativa entre os cinco maiores Bancos sofreu uma ligeira alteração, uma vez que o BFA passou a ser o Banco com mais depósitos captados, no total de 1.017.160 milhões de AKZ, seguido pelo BAI e BPC.

Figura 14 – Estrutura de Créditos por Moeda



Fonte: Agregados BNA

Figura 15 – Crédito Vencido



* Bancos incluídos na análise: BAI, BCA, BCI, BMA, BFA, BIC, BPC, BCGA, BRK, SOL, FNB, BCH, VTB e SBA

Fonte: Relatórios e Contas dos Bancos

Crédito

Visão Agregada

Considerando os Bancos analisados, o total de crédito líquido ascendeu a 2.736.435 milhões de AKZ⁴, o que representa um crescimento de 6% face a 2014.

A repartição do crédito por moeda nacional e estrangeira alterou ligeiramente a sua tendência de composição, tendo-se verificado uma diminuição de 5 p.p. no peso da moeda nacional entre 2014 e 2015 em especial devido à variação cambial que se registou. Contudo, considerando uma taxa de câmbio igual à de 31 de Dezembro de 2014, o peso do crédito em moeda nacional aumentaria 1 p.p.

De notar que os créditos contratados após Junho de 2011 que sejam indexados ou denominados em moeda estrangeira podem ser reembolsados pelos clientes em Kwanzas.

No que se refere ao rácio de crédito vencido, e de acordo com os Relatórios e Contas disponíveis dos bancos, este manteve-se em 13%, portanto, inalterado face ao período homólogo anterior.

⁴ Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Figura 16 – Crédito Líquido a Clientes

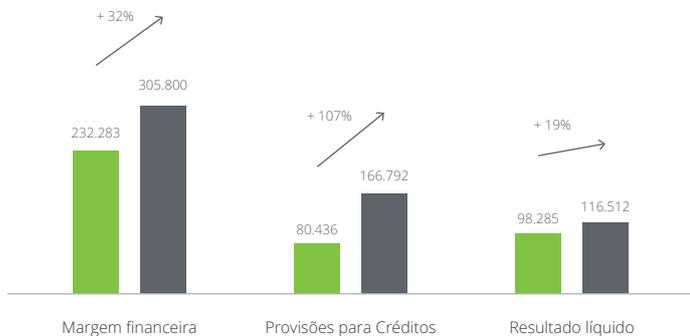
2015			2014		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BPC	927 390	1	BPC	885 054
2	BAI	353 686	2	BAI	365 461
3	BIC	290 755	3	BIC	246 774
4	BPA	245 910	4	BFA	229 479
5	BFA	220 796	5	BPA	195 624
6	BMA	133 519	6	BMA	117 748
7	SOL	100 613	7	BDA	97 631
8	BNI	92 399	8	BNI	88 445
9	BCGA	83 881	9	SOL	86 273
10	BDA	60 981	10	BCGTA	61 293
11	BRK	58 601	11	BCI	46 896
12	SBA	51 263	12	BRK	46 783
13	BCI	45 592	13	SBA	42 796
14	FNB	39 562	14	FNB	36 396
15	BANC	13 254	15	BANC	11 982
16	BCA	8 922	16	BCA	6 462
17	BVB	5 746	17	VTB	3 241
18	VTB	3 138	18	BVB	2 926
19	BCH	430	19	BCH	774
20	BIR	173			
21	BPG	9			

Posição Relativa dos Bancos

Em 2015, voltou a verificar-se uma ligeira alteração de posicionamento no grupo dos cinco Bancos com maior volume de crédito líquido concedido, tendo o BPA ultrapassado o BFA, retomando a 4ª posição do ranking a seguir ao BPC, BAI e BIC.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em Milhões de AKZ)

Figura 17 – Componentes do Resultado



Legenda

■ 2014 ■ 2015

Unidade: Milhões de AKZ

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Figura 18 – Resultados Líquidos

2015			2014		
Ranking	Banco	Resultado	Ranking	Banco	Resultado
1	BFA	37 866	1	BFA	31 796
2	BIC	27 656	2	BIC	20 537
3	BAI	15 358	3	BAI	12 849
4	BPA	11 028	4	BCGTA	9 163
5	BCGA	9 581	5	BPC	8 907
6	BPC	8 289	6	BPA	6 375
7	SOL	7 496	7	BMA	5 741
8	BMA	6 760	8	SOL	4 198
9	SBA	5 238	9	SBA	2 242
10	BCH	2 211	10	BRK	1 729
11	VTB	2 103	11	FNB	1 618
12	BCA	1 484	12	BNI	1 296
13	FNB	1 248	13	BANC	873
14	BNI	1 247	14	BCA	808
15	BRK	821	15	BCH	303
16	BVB	368	16	BDA	249
17	BANC	220	17	VTB	-383
18	YETU	-275	18	SCBA	-1 485
19	BPG	-515	19	BVB	-3 314
20	SCBA	-530	20	BCI	-5 217
21	BCS	-547			
22	BPAN	-717			
23	BIR	-980			
24	BCI	-2 308			
25	BDA	-19 625			

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em Milhões de AKZ)

Resultados

Visão Agregada

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos em estudo⁵, a Margem Financeira no final de 2015 correspondia a 305.800 milhões de AKZ, o que corresponde a um aumento de 32% face a 2014. As dotações líquidas de provisões para crédito registaram em 2015 um incremento de 107%, atingindo cerca de 166.792 milhões de AKZ, comparativamente aos 80.436 milhões de AKZ de 2014. O total do resultado líquido aumentou para cerca de 116.512 milhões de AKZ em 2015, o que representa um aumento de cerca de 19% face a 2014.

Posição Relativa dos Bancos

De acordo com as demonstrações financeiras disponibilizadas até à data, relativamente ao Resultado Líquido dos Bancos Comerciais, registaram-se pequenas mudanças nas posições dos cinco maiores Bancos face ao ano de 2014: BFA, BIC e BAI continuaram a ser os Bancos que reportaram resultados mais elevados.

⁵ Não inclui os Bancos que iniciaram a actividade em 2015.

Figura 19 – Indicadores de Rentabilidade

Indicadores de Rentabilidade	2015	2014	2013	2012	2011
Margem Financeira	4%	4%	4%	4%	5%
Retorno dos activos (ROAA)	2%	2%	1%	1%	3%
Taxa de Alavangem	9,4	9,7	9,1	9,7	9,3
Retorno dos fundos próprios (ROAE)	15%	14%	14%	14%	25%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Figura 20 – Rentabilidade dos Fundos Próprios Médios (ROAE)

2015			2014		
Ranking	Banco	ROAE	Ranking	Banco	ROAE
1	BCH	63%	1	BFA	34%
2	VTB	57%	2	SBA	31%
3	SBA	48%	3	SOL	26%
4	SOL	36%	4	BCGTA	25%
5	BFA	33%	5	BIC	23%
6	BIC	29%	6	FNB	18%
7	BCGA	23%	7	BANC	17%
8	BCA	22%	8	BCH	16%
9	BPA	21%	9	BMA	16%
10	BMA	16%	10	BRK	16%
11	BAI	13%	11	BCA	15%
12	FNB	13%	12	BPA	14%
13	BVB	12%	13	BAI	12%
14	BPC	7%	14	BPC	9%
15	BRK	7%	15	BNI	6%
16	BNI	6%	16	BDA	1%
17	BANC	4%	17	VTB	-13%
18	YETU*	-10%	18	SCBA*	-45%
19	SCBA	-17%	19	BCI	-70%
20	BPG*	-26%	20	BVB	-98%
21	BCS*	-28%			
22	BCI	-33%			
23	BPAN*	-39%			
24	BDA	-53%			
25	BIR*	-90%			

* Bancos para os quais foi calculado o Retorno dos Fundos Próprios, em contrapartida do Retorno dos Fundos Próprios Médios, uma vez que iniciaram a sua actividade em 2015 ou, no caso do SCBA, em 2014.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em Milhões de AKZ)

Rentabilidade

Visão Agregada

No ano de 2015 e para o conjunto de bancos analisados, a Rentabilidade dos Fundos Próprios Médios (ROAE) situou-se em 15%.

Posição Relativa dos Bancos

No que respeita à Rentabilidade dos Fundos Próprios Médios, existem cinco Bancos que apresentam um rácio superior a 30%.

Figura 21 – Indicadores de Eficiência

Indicadores de Eficiência	2015	2014	2013	2012	2011
Cost-to-income	45%	52%	52%	48%	41%
Rácio de eficiência	2,2	1,9	1,9	2,1	2,4
Custos operacionais (% Activos)	4%	3%	3%	3%	3%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Eficiência

Visão Agregada

De acordo com a informação das demonstrações financeiras disponibilizadas até à data, e ao contrário da tendência crescente dos últimos anos, verificou-se uma redução do ciclo de crescimento do rácio de *cost-to-income* de 52% em 2014 para 45% em 2015, em resultado do aumento do peso da margem financeira neste indicador. Adicionalmente, em 2015, os custos operacionais dos Bancos em análise aumentaram cerca de 22% face a 2014.

Figura 22 – Cost to Income (%)

2015			2014		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BDA	5%	1	BDA	21%
2	BCH	14%	2	FNB	33%
3	VTB	33%	3	BFA	36%
4	BFA	35%	4	BCGTA	37%
5	BAI	39%	5	BIC	42%
6	BCGA	40%	6	BAI	45%
7	FNB	42%	7	BMA	53%
8	BIC	44%	8	SOL	55%
9	BMA	48%	9	BCH	55%
10	BPA	49%	10	BNI	57%
11	BPC	53%	11	VTB	57%
12	BCA	55%	12	BPA	57%
13	BNI	63%	13	BANC	62%
14	SBA	63%	14	BPC	62%
15	SOL	64%	15	BRK	64%
16	BRK	66%	16	BCA	67%
17	BANC	77%	17	SBA	74%
18	BVB	83%	18	BCI	110%
19	BCI	104%	19	BVB	306%
20	SCBA	160%			

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em Milhões de AKZ)

Posição Relativa dos Bancos

Ao nível dos rácios de eficiência, mais de 60% dos Bancos para os quais existia informação em 2014 registaram um redução do seu rácio *Cost to Income*.

Conclusão

Em 2015, a economia angolana continuou a ser afectada pela crise do sector petrolífero, resultante da diminuição da queda dos preços do petróleo.

No que respeita ao sector bancário, em 2015 assistiu-se ao aumento do número de Bancos comerciais em actividade. Adicionalmente, o crescimento continuado da utilização dos meios electrónicos de pagamento, associado ao aumento da literacia bancária da população, tem criado novas oportunidades e desafios no sector. Neste sentido, espera-se que os Bancos continuem a desenvolver esforços para adaptar a oferta de produtos e serviços aos diversos segmentos, com propostas de valor distintas e enfoque na inovação.

Paralelamente, fruto das exigências regulamentares que têm vindo a emergir no sector bancário, perspectiva-se que os Bancos angolanos mantenham o foco na melhoria dos processos de *compliance*, no combate ao branqueamento de capitais e financiamento de terrorismo e na criação de processos que permitam a gestão integrada e eficiente do risco.

Ao nível fiscal, no sentido de financiar o Orçamento Geral de Estado depois da redução das receitas fiscais resultantes da exportação de petróleo, o Governo Angolano introduziu um novo tributo, em vigor a partir de Junho de 2016, denominado "Contribuição Especial Sobre as Operações Bancárias". Este tributo afecta, em termos gerais, as operações que impliquem lançamentos/movimentos a débito em contas à ordem, efectuados por instituições financeiras bancárias ou não bancárias angolanas, exceptuando, por exemplo, as operações de pagamento de salários e pensões, as transferências entre contas do mesmo titular, as contas Bankita e os movimentos no Mercado Monetário Interbancário, as operações com o Banco Nacional de Angola e com o Tesouro Nacional.

Este tributo tem associada uma taxa fixa de 0,1%, suportada pelos titulares das contas à ordem (seja pessoas singulares, seja pessoas colectivas) através das quais sejam efectuadas as transacções abrangidas por esta contribuição especial.

Adicionalmente, a 29 de Agosto, foi publicado em Diário da República a aprovação do Acordo celebrado entre o Estado angolano e os Estados Unidos da América (EUA) com o objectivo de reforçar o cumprimento fiscal e implementar o *Foreign Account Tax Compliance Act* (FATCA). O FATCA consiste num regime norte-americano que tem como objectivo principal combater a evasão fiscal de entidades norte-americanas que detenham activos financeiros em instituições financeiras fora daquele território, o que deverá induzir a uma melhoria dos processos de *compliance* nas Instituições Financeiras.

Demonstrações financeiras

Balanço dos Bancos 2015

	BAI	BCA	BCI	BMA	BFA	BIC	BPC	BCGA	BRK	SOL
Activo										
Disponibilidades	184 284	17 250	33 537	80 648	306 870	155 697	108 124	92 857	24 960	69 783
Aplicações de Liquidez	47 971	1 219	11 656	6 588	135 006	79 475	26 927	1 248	7 395	814
Títulos e Valores Mobiliários	415 075	13 746	12 687	85 398	486 388	425 641	79 400	127 510	30 583	127 749
Instrumentos Financeiros Derivados	0	0	0	31	3 099	0	0	0	0	0
Créditos no Sistema de Pagamentos	5	69	315	151	0	163	45 527	380	186	1 119
Operações Cambiais	0	0	0	3 946	53 284	34	0	0	5	0
Créditos	353 686	8 922	45 592	133 519	220 796	290 755	927 390	83 881	58 601	100 613
Outros Valores	28 218	312	15 887	5 516	4 080	13 881	51 018	2 990	3 427	3 619
Inventários comerciais e Industriais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	329
Participações	0	72	0	0	0	0	0	0	0	0
Activos por impostos correntes	0	0	245	0	0	0	0	0	0	0
Imobilizações	68 373	5 255	7 440	27 117	20 056	11 963	101 234	8 519	5 619	23 693
TOTAL DO ACTIVO	1 097 612	46 845	127 359	342 914	1 229 579	977 609	1 339 620	317 385	130 776	327 719
Passivo										
Depósitos	938 494	36 758	96 421	249 111	1 017 160	741 627	911 365	236 953	96 997	277 052
Captação para Liquidez	13 532	0	0	31 787	9	0	136 833	22 534	66	10 000
Captações com Títulos e Valores Mobiliários	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8 075
Instrumentos Financeiros Derivados	0	0	0	20	3 799	0	0	0	0	0
Obrigações no Sistema de Pagamentos	1 295	369	800	7 000	4 805	45 869	73 969	797	786	2 057
Operações Cambiais	245	123	27	3 739	55 916	35	6 469	0	13 451	416
Outras Captações	0	0	11 975	0	0	66 659	34 435	0	3 950	605
Adiantamentos de Clientes	1 502	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Fornecedores Comerciais e Industriais	0	0	0	0	0	38	0	0	0	0
Passivos por impostos correntes	0	0	0	0	0	0	0	0	376	0
Outras Obrigações	10 642	2 175	9 186	5 733	17 302	16 902	32 032	9 874	1 240	3 440
Provisões	6 745	76	1 814	527	4 132	3 757	9 075	2 923	1 762	2 365
TOTAL DO PASSIVO	972 455	39 501	120 223	297 917	1 103 123	874 887	1 204 178	273 081	118 628	304 010
Fundos próprios										
Capital	14 787	2 500	6 894	4 010	3 522	3 000	65 872	8 575	4 000	5 000
Reserva de Actualização Monetária do Capital Social	29	83	0	0	451	5 798	0	802	0	0
Reservas e Fundos	94 589	3 205	11 615	33 782	83 363	64 896	60 746	24 735	7 182	2 212
Resultados Potenciais	442	72	3 168	445	1 254	1 372	346	611	37	302
Reserva de Reexpressão	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultados Transitados	0	0	-12 233	0	0	0	0	0	108	8 699
(-) Dividendos antecipados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultado da Alteração de Critérios Contabilísticos	0	0	0	0	0	0	189	0	0	0
(-) Acções ou Quotas Próprias em Tesourarias	-48	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultado do Exercício	15 358	1 484	-2 308	6 760	37 866	27 656	8 289	9 581	821	7 496
TOTAL DE FUNDOS PRÓPRIOS	125 157	7 344	7 136	44 997	126 456	102 722	135 442	44 304	12 148	23 709
TOTAL DO PASSIVO E FUNDOS PRÓPRIOS	1 097 612	46 845	127 359	342 914	1 229 579	977 609	1 339 620	317 385	130 776	327 719

Demonstração de Resultados 2015

	BAI	BCA	BCI	BMA	BFA	BIC	BPC	BCGA	BRK	SOL
1. Proveitos de Instrumentos Financeiros Activos	55 612	2 773	6 749	20 964	56 367	52 473	117 734	21 320	7 745	30 611
2. (-) Custos de Instrumentos Financeiros Passivos	-12 417	-229	-1 390	-6 520	-15 344	-18 365	-54 818	-4 396	-1 235	-6 190
3. Margem Financeira (1+2)	43 195	2 544	5 359	14 444	41 023	34 108	62 916	16 924	6 510	24 421
4. Resultados de Negociações e Ajustes ao Valor Justo	231	0	0	98	3 844	1 521	10 337	0	1 854	0
5. Resultados de Operações Cambiais	19 585	1 240	1 643	7 323	16 070	26 202	11 851	-1 769	1 834	-3 212
6. Resultados de Prestação de Serviços Financeiros	7 360	1 062	2 898	4 724	5 736	6 462	14 738	4 149	2 440	7 966
7. (-) Provisões para Crédito de Liquidação Duvidosa e Prestação de Garantias	-24 463	-195	-2 160	-6 751	-4 587	-9 896	-27 595	-910	-3 051	-1 618
8. Resultados Planos de Seguros, Capitalização e Saúde Complementar	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
9. Resultados de intermediação financeira (3+4+5+6+7+8)	45 908	4 651	7 740	19 838	62 088	58 397	72 247	18 394	9 587	27 557
10. (-) Custos Administrativos e de Comercialização	-27 341	-2 689	-10 258	-12 815	-23 588	-29 822	-52 746	-7 718	-8 391	-18 570
11. (-) Provisões sobre Outros Valores e Responsabilidades Prováveis	-4 677	-102	-284	62	51	-411	-11 706	-1 263	0	-941
12. Resultados de Imobilizações Financeiras	-2 026	0	-34	305	0	-41	17	0	0	0
13. Outros Proveitos e Custos Operacionais	1 864	2	352	269	2 561	953	-740	609	1 247	3
14. Outros Proveitos e Custos Operacionais (10+11+12+13)	-32 180	-2 789	-10 224	-12 179	-20 976	-29 321	-65 175	-8 372	-7 144	-19 508
15. Resultado da Actualização Monetária Patrimonial	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16. Resultado Operacional (9+14+15)	13 728	1 862	-2 484	7 659	41 110	29 076	7 072	10 022	2 443	8 049
17. Resultado não Operacional	2 085	-1	176	216	414	36	1 455	1	-1 254	42
18. Resultado Cambial de Conversão para USD	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19. Resultado antes dos Impostos e outros Encargos (16+17+18)	15 813	1 861	-2 308	7 875	41 524	29 112	8 527	10 023	1 189	8 091
20. (-) Encargos sobre o Resultado Corrente	-455	-377	0	-1 115	-3 658	-1 456	-238	-442	-368	-595
21. Resultado do Exercício (19+20)	15 358	1 484	-2 308	6 760	37 866	27 656	8 289	9 581	821	7 496

Milhões de Kwanzas

BPA	BNI	BANC	BDA	VTB	FNB	BCS	BPAN	YETU	BIR	BCH	SBA	BVB	BPG	SCBA
72 721	40 986	7 014	42 102	17 579	13 129	1 121	455	1 286	346	9 254	136 067	8 175	4 463	15 317
11 010	25 224	489	115 650	0	3 460	1 003	980	1 000	0	0	10 825	0	4 172	4 549
124 405	28 500	1 252	72 878	1 421	20 010	601	0	732	20	2 415	93 664	3 835	734	2 730
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0
87	168	14	0	218	83	0	0	7	0	7	6	29	6	812
517	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	389	0	0	0
245 910	92 399	13 254	60 981	3 138	39 562	0	0	0	173	430	51 263	5 746	9	0
11 009	26 422	4 821	303	708	788	104	142	32	533	49	3 549	405	15	107
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
48 680	20 597	12 260	9 912	139	6 253	384	819	1 767	397	322	2 645	4 721	267	348
514 339	234 296	39 104	301 826	23 203	83 285	3 213	2 396	4 824	1 469	12 477	298 412	22 911	9 666	23 863

385 898	154 219	19 165	0	16 064	61 005	1 074	6	1 306	299	6 883	275 781	19 201	6 113	20 361
54 115	21 857	13 323	0	0	5 899	0	0	0	0	0	0	0	1 349	273
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
799	5 193	365	0	59	413	0	0	1	1	28	895	60	1	4
517	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	396	0	0	0
6 777	8 563	0	257 696	1 028	4 131	0	2	0	0	0	4 146	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3 278	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5 336	20 936	434	3 221	1 209	1 449	186	539	790	83	978	3 195	239	202	432
2 513	496	31	317	78	77	0	3	2	0	0	458	126	16	1
459 233	211 264	33 318	261 234	18 438	72 974	1 260	550	2 099	384	7 889	284 871	19 626	7 681	21 071

34 158	14 643	4 346	63 642	1 400	4 182	2 500	2 600	3 000	2 065	2 265	9 530	9 262	2 500	4 825
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6 374	3 817	1 220	606	852	4 881	0	0	0	0	15	5	0	0	0
90	-11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-327	0	0	-18
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3 456	3 676	0	-4 031	410	0	0	-37	0	0	97	-905	-6 345	0	-1 485
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	-340	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11 028	1 247	220	-19 625	2 103	1 248	-547	-717	-275	-980	2 211	5 238	368	-515	-530
55 106	23 032	5 786	40 592	4 765	10 311	1 953	1 846	2 725	1 085	4 588	13 541	3 285	1 985	2 792
514 339	234 296	39 104	301 826	23 203	83 285	3 213	2 396	4 824	1 469	12 477	298 412	22 911	9 666	23 863

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Milhões de Kwanzas

BPA	BNI	BANC	BDA	VTB	FNB	BCS	BPAN	YETU	BIR	BCH	SBA	BVB	BPG	SCBA
29 381	15 187	1 254	15 585	1 225	6 297	11	2	109	11	605	11 353	1 281	247	282
-10 024	-5 346	-1 223	-6 542	-317	-2 822	0	0	-12	0	-69	-1 510	-178	-48	-62
19 357	9 841	31	9 043	908	3 475	11	2	97	11	536	9 843	1 103	199	220
0	0	17	75	0	100	0	0	-13	0	0	-29	0	15	0
16 169	1 680	3 488	40 720	1 068	1 922	22	-13	-23	2	698	5 366	631	86	622
7 121	2 381	312	3 588	2 642	857	2	0	1	3	2 723	2 700	826	27	36
-6 592	-3 930	-569	-70 591	-313	-2 284	0	0	0	-2	-267	-802	-214	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
36 055	9 972	3 279	-17 165	4 305	4 070	35	-11	62	14	3 690	17 078	2 346	327	878
-20 718	-8 712	-2 957	-2 586	-1 534	-2 645	-582	-708	-335	-994	-548	-11 256	-2 123	-827	-1 407
-1 367	-94	-3	-76	-44	8	0	2	-2	0	0	-51	128	-16	-1
96	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
-460	1 305	62	1	0	88	0	0	0	0	22	268	9	1	0
-22 449	-7 501	-2 898	-2 661	-1 578	-2 548	-582	-706	-337	-994	-526	-11 039	-1 986	-842	-1 408
0	0	0	0	120	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13 606	2 471	381	-19 826	2 847	1 522	-547	-717	-275	-980	3 164	6 039	360	-515	-530
700	-670	-67	201	0	-74	0	0	0	0	-46	-35	8	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14 306	1 801	314	-19 625	2 847	1 448	-547	-717	-275	-980	3 118	6 004	368	-515	-530
-3 278	-554	-94	0	-744	-200	0	0	0	0	-907	-766	0	0	0
11 028	1 247	220	-19 625	2 103	1 248	-547	-717	-275	-980	2 211	5 238	368	-515	-530

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Deloitte.

"Deloitte" refere-se a Deloitte Touche Tohmatsu Limited, uma sociedade privada de responsabilidade limitada do Reino Unido (DTTL), ou a uma ou mais entidades da sua rede de firmas membro e respetivas entidades relacionadas. A DTTL e cada uma das firmas membro da sua rede são entidades legais separadas e independentes. A DTTL (também referida como "Deloitte Global") não presta serviços a clientes.

Para aceder à descrição detalhada da estrutura legal da DTTL e suas firmas membro consulte www.deloitte.com/pt/about

© 2016. Para informações, contacte Deloitte & Touche Auditores, Limitada.